

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CCHLA – CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROLING – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**A PRODUÇÃO PALATO-ALVEOLAR DE /S/  
NAS VOZES DO AMAPÁ**

RENATA CONCEIÇÃO NEVES MONTEIRO

João Pessoa  
2009

RENATA CONCEIÇÃO NEVES MONTEIRO

**A PRODUÇÃO PALATO-ALVEOLAR DE /S/  
NAS VOZES DO AMAPÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA, da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Área de Concentração:  
Teoria e Análise Linguística

Linha de pesquisa:  
Diversidade Linguística e Variação

Professor orientador:  
Prof. Dr. Dermeval da Hora

João Pessoa  
2009

M775p Monteiro, Renata Conceição Neves.  
A produção palato-alveolar de /S/ nas vozes do Amapá/Renata  
Conceição Neves Monteiro. – João Pessoa, 2009.  
77f.  
Orientador: Dermeval da Hora.  
Dissertação (Mestrado) – UFPb - CCHLA

1.Linguística. 2. Palatalização – Fricativa. 3. Língua falada –  
Variação. 4. Mudança. 5. Variáveis

UFPb/BC

CDU: 801 (043)

RENATA CONCEIÇÃO NEVES MONTEIRO

**A PRODUÇÃO PALATO-ALVEOLAR DE /S/  
NAS VOZES DO AMAPÁ**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA, da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Aprovada em 26/03/2009.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Dermeval da Hora (Orientador)  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

João Pessoa  
2009

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por, a cada dia, renovar minhas forças, iluminando-me na caminhada da vida e dando-me inteligência e discernimento para realizar as escolhas que tenho que tomar.

A meus pais, Monteiro e Sônia, por tudo. Sem o amor, o apoio, a compreensão e os ensinamentos que vocês me deram, seria impossível que eu concluísse este curso.

A meus irmãos Juliana e Marcelo, pela amizade e amor. Sua confiança em meu potencial foi motivação para eu estar aqui.

Às amigas Ana Olívia Arany, Carla e Nathalee, pela paciência e apoio, principalmente nestes últimos meses, compreendendo minha ausência por causa desta dissertação.

A meu orientador Dermeval da Hora, por toda a colaboração e paciência ao longo desse estudo. Sem dúvida nenhuma, aprendi muito nesses sete anos de pesquisa sociolingüística.

Aos amigos da UEPB, por acreditarem em meu potencial, ajudando-me a crescer pessoal e profissionalmente

A todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a conclusão do Projeto Vozes do Amapá, sobretudo meu orientador que sugeriu que eu adotasse tais dados para meu *corpus* e os informantes que forneceram os dados da pesquisa.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em Lingüística – PROLING, desta Universidade, na pessoa de Vera Lima, por toda a eficiência e prontidão em atender-me sempre que necessitei.

A todos os professores que ministram as disciplinas deste programa de pós-graduação, por compartilhar idéias e dar sugestões.

Aos colegas, pelo companheirismo ao longo deste curso.

A todos que, acreditando em mim, contribuíram de alguma forma para a elaboração e conclusão deste trabalho, muito obrigada por tudo.

*“Throughout the 20<sup>th</sup> century, our efforts to understand human language may be seen to be sharply divided into two distinct undertakings. (...) one task is to discover those constant properties of language that reflect the innate biological endowment of the species, the language faculty. The other, equally challenging task, is to discover the causes of the present diversity among the language families of the world.”*

*“Sociolinguistic variation is parasitic upon such linguistic variation. It is an opportunistic process that reinforces social distinctions by associating them with particular linguistic variants. Though in principle any social category may be associated with linguistic change in progress, it is the culturally dominant groups of society that are normally in the lead. The use of linguistic forms to increase distinctiveness of particular groups is a driving force for the acceleration of change”*

(William Labov, 2002)

*“Durante o século XX, nossos esforços para entender a linguagem humana podem ser vistos como sendo divididos pontualmente em duas abordagens distintas. (...) uma tarefa é descobrir aquelas propriedades constantes da língua que refletem a característica biológica inata das espécies, a faculdade da linguagem. A outra, igualmente desafiadora tarefa, é descobrir as causas da atual diversidade entre as famílias de línguas do mundo.*

*“A variação sociolingüística é parasita em relação à variação lingüística. É um processo oportunista que reforça a distinção social por associar a mesma a variantes lingüísticas particulares. Embora, em princípio qualquer categoria social possa ser associada com a mudança lingüística em progresso, são os grupos culturalmente dominantes da sociedade que estão normalmente na liderança. O uso de formas lingüísticas para aumentar a distinção de grupos particulares é uma força motora para a aceleração da mudança”.*

(Trad. feita pela autora, 2009)

## RESUMO

O presente estudo busca, à luz da Teoria Variacionista, proposta na década de 60 pelo lingüista William Labov, explicar o fenômeno da palatalização de /S/ em posição de coda, no falar da comunidade lingüística da cidade de Macapá-AP. Reconhecendo a variabilidade da língua, muitos estudos têm sido realizados a fim de identificar, descrever e explicar os fenômenos lingüísticos ocorrentes no Português Brasileiro. O fenômeno da palatalização de /S/, por exemplo, é um processo que já foi objeto de estudo de falares de diversas regiões no país: Rio de Janeiro-RJ (CALLOU & MARQUES, 1975); Natal-RN (PESSOA, 1986); Recife-PE, Salvador-BA e Rio de Janeiro-RJ (CALLOU & MORAES, 1996); Corumbá-MS (SILVA, 1996); João Pessoa-PB (HORA, 2000); Salvador-BA (CANOVAS, 1996); Rio de Janeiro-RJ (SCHERRE & MACEDO, 2000); Cordeiro-RJ (GRYNER & MACEDO, 2000); Florianópolis-SC (BRESCANCINI, 2002); Recife-PE (MACEDO, 2004), demonstrando que este é um fenômeno recorrente no português do Brasil. Partindo, pois, do pressuposto de que a heterogeneidade da língua falada é passível de sistematização e, sendo a produção palato-alveolar da fricativa coronal anterior em final de sílabas um fenômeno que busca explicação à luz da análise variacionista, buscamos, por meio desta pesquisa, traçar o perfil lingüístico do falante macapaense em relação ao fenômeno estudado, considerando os fatores sociais (externos) e estruturais (internos) que estão envolvidos neste processo. A fim de alcançarmos nosso objetivo principal, buscamos também apresentar descritivamente o fenômeno; verificar quais são os fatores condicionantes e os inibidores do processo de palatalização de /S/; fazer uma análise quantitativa dos dados utilizando o programa computacional GOLDFARB 3.0 (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), verificando a ocorrência de realizações palato-alveolares da fricativa coronal em contraste com a produção da sibilante; comparar os resultados obtidos com outros estudos já desenvolvidos; e levantar novas hipóteses com base nas primeiras constatações para serem desenvolvidas em futuras investigações acadêmicas ou como extensão desse mesmo estudo.

**Palavras-chave:** Lingüística. Palatalização – Fricativa. Língua falada – Variação. Mudança. Variáveis.

## ABSTRACT

The present paper takes into account the Variation Theory, proposed in the 60's by the linguist William Labov, to explain the palatalization phenomenon on /S/ fricative in coda position in the speech community of Macapá-AP. Recognizing the language variability, many studies have been carried out in order to identify, describe and explain the linguistics phenomena which occur in Brazilian Portuguese. The /S/ palatalization phenomenon, for example, is a process which had been object of study in speeches of diferent regions in Brazil: Rio de Janeiro-RJ (CALLOU & MARQUES, 1975); Natal-RN (PESSOA,1986); Recife-PE, Salvador-BA e Rio de Janeiro-RJ (CALLOU & MORAES, 1996); Corumbá-MS (SILVA, 1996); João Pessoa-PB (HORA, 2000); Salvador-BA (CANOVAS, 1996); Rio de Janeiro-RJ (SCHERRE & MACEDO, 2000); Cordeiro-RJ (GRYNER & MACEDO, 2000); Florianópolis-SC (BRESCANCINI, 2002); Recife-PE (MACEDO, 2004), demonstrating that this is a recurrent phenomenon in Brazilian Portuguese. Thus, from the supposition that the heterogeneity of spoken language can be systematized, and considering the coronal anterior fricative palatalization in syllable endings as a phenomenon that can be explained from a Variationist perspective, we intend, through this research, to trace the linguistic profile of a speaker from Macapá-AP, in relation to the studied phenomenon, taking into account the social factors (exterior factors) and the structural factors (interior factors) which are involved in that process. In order to accomplish our main goal, we attempt to present in a descriptive way the phenomenon; to verify which factors are the conditioning and which are the preventing ones; to make a quantitative analysis of data using the computer program GOLDVARB 3.0 (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), checking the occurrence of palato-alveolar realizations in contrast with the production of the alveolar /S/; to compare the results with others from previous researches; and based on the preliminary conclusions, to raise other hypotheses to be developed in future academic investigations or even in an extention of the present study.

**Keywords:** Linguistics. Palatalization – Fricative. Spoken language – Variation. Change. Variables.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| Relação de Tabelas .....                                    | i         |
| Relação de Gráficos .....                                   | ii        |
| <b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>                         | <b>11</b> |
| <b>1 A FRICATIVA CORONAL ANTERIOR E A PALATALIZAÇÃO ...</b> | <b>14</b> |
| 1.1 Caracterização Fonética .....                           | 14        |
| 1.2 Caracterização Fonológica .....                         | 15        |
| 1.3 Uma Visão Histórica da Palatalização de /S/ .....       | 16        |
| 1.4 Estudos Anteriores sobre a Palatalização do /S/ .....   | 17        |
| <b>2 A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA .....</b>             | <b>21</b> |
| 2.1 Teoria da Variação Lingüística .....                    | 23        |
| <b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>                  | <b>28</b> |
| 3.1 O Amapá e suas Vozes .....                              | 28        |
| 3.2 <i>Corpus</i> .....                                     | 29        |
| 3.3 Metodologia .....                                       | 31        |
| 3.4 Codificação dos Dados .....                             | 33        |
| <b>4 APRESENTAÇÃO DAS VARIÁVEIS .....</b>                   | <b>34</b> |
| 4.1 Variável Dependente .....                               | 34        |
| 4.2 Variáveis Independentes .....                           | 35        |
| 4.2.1 Variáveis sociais .....                               | 35        |
| 4.2.1.1 Sexo .....  | 36        |
| 4.2.1.2 Faixa Etária .....                                  | 37        |

|  |           |
|--|-----------|
|  | 15        |
| 4.2.1.3 Anos de escolarização .....                                      | 38        |
| 4.2.2 Variáveis lingüísticas .....                                       | 39        |
| 4.2.2.1 Posição da fricativa na palavra .....                            | 39        |
| 4.2.2.2 Contexto fonológico precedente .....                             | 40        |
| 4.2.2.3 Status do contexto fonológico precedente .....                   | 41        |
| 4.2.2.4 Contexto fonológico seguinte .....                               | 42        |
| 4.2.2.5 Traço [voz] do contexto seguinte .....                           | 44        |
| 4.2.2.6 Posição da fricativa em relação à sílaba tônica palavra .....    | 44        |
| 4.2.2.7 Função morfológica de /S/ .....                                  | 45        |
| <b>5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>                        | <b>48</b> |
| <b>5.1 Variáveis selecionadas .....</b>                                  | <b>51</b> |
| 5.1.1 Variável Social .....  | 51        |
| 5.1.1.1 Faixa Etária .....   | 51        |
| 5.1.2 Variáveis Lingüísticas .....                                       | 52        |
| 5.1.2.1 Posição da fricativa da palavra .....                            | 52        |
| 5.1.2.2 Contexto fonológico seguinte .....                               | 53        |
| 5.1.2.3 Contexto fonológico precedente .....                             | 55        |
| <b>5.2 Variáveis não selecionadas .....</b>                              | <b>56</b> |
| 5.2.1 Variáveis Sociais .....  | 56        |
| 5.2.1.1 Sexo .....   | 57        |
| 5.2.1.2 Anos de Escolarização .....                                      | 58        |
| 5.2.2 Variáveis Lingüísticas .....                                       | 59        |
| 5.2.2.1 Status do contexto fonológico precedente .....                   | 59        |
| 5.2.2.2 Traço [voz] do contexto fonológico seguinte .....                | 60        |
| 5.2.2.3 Posição da fricativa em relação à sílaba tônica da palavra ..... | 61        |
| <b>5.3 Comparação com Outros Estudos .....</b>                           | <b>62</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>66</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>69</b> |
| <b>APÊNDICE .....</b>  | <b>75</b> |

## RELAÇÃO DE TABELAS

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1 - Estudos sobre a palatalização de /S/ .....  | 18 |
| Tabela 2 - Sexo x Faixa Etária .....   | 30 |
| Tabela 3 - Sexo x Anos de Escolarização .....  | 30 |
| Tabela 4 - Faixa Etária x Anos de Escolarização .....  | 30 |
| Tabela 5 - Frequência total das variantes relacionadas à variável dependente .....                       | 48 |
| Tabela 6 - Fatores selecionados para aplicação da regra de palatalização .....                           | 49 |
| Tabela 7 - Faixa Etária x Aplicação da regra de palatalização .....                                      | 51 |
| Tabela 8 - Posição da Fricativa na palavra .....   | 52 |
| Tabela 9 - Contexto Fonológico Seguinte x Aplicação da regra de palatalização .....                      | 54 |
| Tabela 10 - Contexto Fonológico Precedente x Aplicação da regra de palatalização .....                   | 55 |
| Tabela 11 - Anos de Escolarização x Aplicação da regra de palatalização .....                            | 57 |
| Tabela 12 - Status do Cont. Fonológico Precedente x Aplicação da regra de palatalização .....            | 59 |
| Tabela 13 - Traço [voz ] do Cont. Fonológico Seguinte x Aplicação da regra de palatalização .....        | 60 |
| Tabela 14 - Posição da fricativa em relação à sílaba tônica da palavra x Aplicação da palatalização..... | 61 |
| Tabela 15 - A produção palato-alveolar de /S/ em diferentes comunidades lingüísticas .....               | 62 |

## RELAÇÃO DE GRÁFICOS

|   |    |
|---|----|
| Gráfico 1 - Variável Dependente .....   | 47 |
| Gráfico 2 - Variável Dependente (Rodada Final) .....  | 48 |
| Gráfico 3 - As variáveis dependentes para o Grupo 1 .....                                   | 50 |
| Gráfico 4 - As variáveis dependentes para o Grupo 2 .....                                   | 50 |
| Gráfico 5 - Produção palato-alveolar x Posição da fricativa .....                           | 52 |
| Gráfico 6 - Produção alveopalatal x Contexto seguinte .....                                 | 53 |
| Gráfico 7 - Produção alveopalatal x Contexto precedente .....                               | 54 |
| Gráfico 8 - As variáveis dependentes para os homens .....                                   | 56 |
| Gráfico 9 - As variáveis dependentes para as mulheres .....                                 | 56 |
| Gráfico 10 - Produção palato-alveolar x Sexo .....  | 56 |
| Gráfico 11 - Variáveis dependentes para o Grupo 1 (Anos de Escolarização) .....             | 57 |
| Gráfico 12 - Variáveis dependentes para o Grupo 2 (Anos de Escolarização) .....             | 57 |
| Gráfico 13 - Produção palato-alveolar x Status do contexto precedente .....                 | 58 |
| Gráfico 14 - Produção palato-alveolar x Traço [voz] do contexto seguinte .....              | 59 |
| Gráfico 15 - Produção palato-alveolar x Posição da fricativa em relação à sílaba tônica ... | 60 |

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

---

Partindo-se do pressuposto de que a língua é um sistema, podemos dizer que a mesma é passiva de variação em vários planos, seja numa hierarquia social ou em âmbito espacial (geográfico) e, sendo assim, são esses planos de variação que dão origem aos dialetos sociais ou regionais da língua.

Considerando, então, a existência dessas variações, faz-se necessário entender e explicar o porquê de existirem diversas maneiras de se dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade. Na busca de tais respostas, os estudiosos recorrem a teorias e métodos, tentando explicar ainda como essas mudanças lingüísticas podem ser transmitidas aos demais sistemas, ou seja, como tais mudanças podem influenciar a vida das pessoas (TARALLO, 1995).

A língua também é variável num mesmo indivíduo. Para Halliday (1965, p.87), essa variação interna que cada falante possui é refletida nos “registros de fala” de cada um. Ou seja, cada pessoa dentro de uma comunidade lingüística, consciente e, mesmo, inconscientemente, muda seu falar de acordo com a situação em que se encontra, a fim de melhor adequar-se ao contexto social. Por isso, é possível identificar, num mesmo indivíduo, diferentes formas de realização de um fonema, por exemplo, mostrando que não só fatores lingüísticos influenciam na variação, mas também extralingüísticos.

Reconhecendo então a variabilidade da língua, muitos estudos têm sido realizados a fim de identificar, descrever e explicar os fenômenos lingüísticos ocorrentes no Português Brasileiro. A produção palato-alveolar de /S/, por exemplo, é um processo que já foi objeto de estudo de falares de diversas regiões no país: Rio de Janeiro-RJ (CALLOU & MARQUES, 1975); Natal-RN (PESSOA, 1986); Recife-PE, Salvador-BA e Rio de Janeiro-RJ (CALLOU & MORAES, 1996); Corumbá-MS (SILVA, 1996); João Pessoa-PB (HORA, 1997); Salvador-BA (CANOVAS, 1996); Brasília-DF (CORRÊA, 1998); Rio de Janeiro-RJ (SCHERRE & MACEDO, 2000); Cordeiro-RJ (GRYNER & MACEDO, 2000); Florianópolis-SC (BRESCANCINI, 2002); Recife-PE (MACEDO, 2004) demonstrando que este é um fenômeno recorrente no português do Brasil.

Partindo, pois, do pressuposto de que a heterogeneidade da língua falada é passível de sistematização e, sendo a produção palato-alveolar da fricativa coronal anterior em final de sílabas um fenômeno que busca explicação à luz da análise variacionista, o presente

trabalho insere-se dentro da pesquisa sociolingüística, buscando analisar o comportamento fonético de /S/ em travamento de sílabas na comunidade de fala de Macapá-AP, verificando se a produção palato-alveolar desta constitui um fenômeno variável influenciado por fatores lingüísticos e sociais.

Dessa maneira, essa pesquisa é plenamente justificável tanto para uma abrangência maior dos dados sociolingüísticos do dialeto macapaense, o qual ainda encontra-se em fase de descoberta, quanto para estabelecer comparações a respeito desse fenômeno recorrente em diferentes regiões do Brasil.

Para obtenção dos registros reais de fala, foram coletados dados do Projeto Vozes do Amapá, concebendo, portanto, uma pesquisa em tempo aparente, ou seja, a partir de um recorte temporal feito pelo pesquisador.

Salientamos ainda que o status das variantes não foi questão investigada nesse estudo, por isso, claro está que as variáveis palato-alveolares [ə,ŋ] foram escolhidas como valores *default* apenas por questão metodológica, para facilitar a análise dos dados, e não por ser forma de prestígio ou estigmatizada.

Baseando-se em estudos anteriores, bem como em leituras específicas, foram estabelecidas algumas hipóteses, a fim de guiar o presente estudo, quais sejam:

- A produção palato-alveolar da fricativa coronal anterior é um fenômeno recorrente na língua falada no Brasil e apresenta evidências no falar macapaense;
- Compartilhando da idéia de Trudgill (1972) de que as mulheres estão à frente das mudanças, produzindo mais as formas inovadoras que os homens, nossa hipótese é de que elas tendem a favorecer à variante palato-alveolar em suas falas;
- Jovens tendem a produzir mais as formas inovadoras do que os falantes mais idosos, por isso, acreditamos que os primeiros produzem formas palato-alveolares com maior frequência que os mais velhos;
- O processo de palatalização é favorecido quando o contexto fonológico, precedente e/ou seguinte, é composto por um elemento coronal ou labial;
- A ausência de vogal, bem como as vogais e glides coronais inibem a produção da fricativa palato-alveolar.

- Seguindo as conclusões obtidas em pesquisas anteriores, acreditamos que a fricativa, quando em posição de coda medial, sofre processo de palatalização.

Partindo, pois, dos pressupostos da Sociolingüística, buscamos, por meio desta pesquisa, traçar o perfil lingüístico do falante macapaense em relação ao fenômeno estudado, considerando os fatores sociais (externos) e estruturais (internos) que interferem na produção da variável palato-alveolar de /S/ em coda. A fim de alcançarmos nosso objetivo principal, buscamos também apresentar descritivamente o fenômeno; verificar quais são os fatores condicionantes e os inibidores do processo; fazer uma análise quantitativa dos dados, verificando a ocorrência da realização palato-alveolar da fricativa coronal em contraste com a produção da sibilante; comparar o fenômeno com estudos anteriores; e levantar novas hipóteses com base nas primeiras constatações para serem desenvolvidas em futuras investigações acadêmicas ou como extensão desse mesmo estudo.

Por questões metodológicas, este trabalho foi desenvolvido em cinco capítulos: no Capítulo I, apresentamos nosso objeto de estudo, fazendo uma descrição de /S/ segundo suas peculiaridades fonético-fonológicas, para assim tentar justificar sua presença em contextos de palatalização; no Capítulo II, fazemos uma revisão da literatura acerca da Teoria da Variação Lingüística, desenvolvida por William Labov na década de 60, que é fundamentação teórica de nosso estudo; o Capítulo III apresenta as variáveis lingüísticas e extralingüísticas que serviram de base para a pesquisa; os resultados da análise dos dados são apresentados e discutidos no Capítulo IV; as conclusões e sugestões vêm logo em seguida e, por fim, listamos as Referências Bibliográficas e Apêndice.

## **2 A FRICATIVA CORONAL ANTERIOR**

---

Para entendermos nosso objeto de estudo, ou seja, o comportamento fonético de /S/, iniciamos nossa investigação analisando as características fonéticas e fonológicas das possíveis variantes envolvidas neste fenômeno. Após tal caracterização, faremos um breve histórico sobre o processo de palatalização de /S/ no português brasileiro, bem como sobre alguns estudos realizados. Neste capítulo, portanto, debruçaremos-nos sob tais questões.

### **2.1 Caracterização Fonética**

Podemos dizer que uma consoante é fricativa quando, durante sua produção no trato vocal, a passagem do ar ocorre com a aproximação dos articuladores, causando, desse modo, uma fricção, a qual leva a produção de um som sibilante, como é o caso do /s/ (ROACH, 1991, p. 47).

Outra qualidade importante das fricativas é que elas são consoantes contínuas, isto é, elas podem ser produzidas continuamente, desde que haja ar nos pulmões. O /s/ é um excelente exemplo disso, principalmente quando palatalizado, já que origina um som que, quando alongado, tem função de pedido de silêncio.

Caracterizando agora as variantes quanto ao ponto de articulação, podemos dizer que os fonemas [s, z] são alveolares, os [ʃ, ʒ] palato-alveolares e o [h] glotal. Os primeiros são assim denominados porque possuem como articulador ativo a lâmina da língua e articulador passivo os alvéolos. Já os fonemas palato-alveolares (ou pós-alveolares) são produzidos quando a parte anterior da língua (articulador ativo) toca a parte final do palato duro (articulador passivo). Por fim, classificamos a variante glotal, que é produzida pela vibração dos músculos ligamentais da glote (SILVA, 2001).

É importante diferenciarmos a consoante alveolar da consoante dental, já que a única distinção entre estas refere-se aos articuladores passivos envolvidos na produção do som: enquanto nas consoantes dentais, são os dentes superiores, nas alveolares são os alvéolos.

## 2.2 Caracterização Fonológica

Outra classificação que podemos usar diz respeito aos traços fonológicos distintivos<sup>1</sup>, a qual defende que cada som de uma língua possui propriedades (traços) específicas que o distingue dos demais sons da língua. Considerando que não é nosso objetivo discutir a Teoria dos Traços Fonológicos Distintivos, limitaremos-nos apenas a classificar nosso objeto de estudo segundo o modelo proposto por Chomsky & Halle (1968), em *The Sound Pattern of English (SPE)*, o qual prevê 22 traços distintivos para cada som de uma língua. Assim, seguindo a proposta desses autores, apresentamos abaixo, os traços fonológicos distintivos de /S/ que interessam numa análise do português do Brasil.

| /s/                | /z/                | /h/                |
|--------------------|--------------------|--------------------|
| [-vocálico]        | [-vocálico]        | [-vocálico]        |
| [+consonantal]     | [+consonantal]     | [+consonantal]     |
| [-silábico]        | [-silábico]        | [-silábico]        |
| [-soante]          | [-soante]          | [-soante]          |
| [+contínuo]        | [+contínuo]        | [+contínuo]        |
| [-solt. retardada] | [-solt. retardada] | [-solt. retardada] |
| [-nasal]           | [-nasal]           | [-nasal]           |
| [-lateral]         | [-lateral]         | [-lateral]         |
| [+anterior]        | [+anterior]        | [-anterior]        |
| [+coronal]         | [+coronal]         | [-coronal]         |
| [-alto]            | [-alto]            | [+alto]            |
| [-recuado]         | [-recuado]         | [+recuado]         |
| [-arredondado]     | [-arredondado]     | [-arredondado]     |
| [-baixo]           | [-baixo]           | [-baixo]           |
| [-vozeado]         | [+vozeado]         | [-vozeado]         |
| [+tenso]           | [+tenso]           | [+tenso]           |

<sup>1</sup> As primeiras discussões sobre traços fonológicos distintivos remontam a Trubetzkoy (Principles of Phonology, 1939). Porém, foram pesquisas de Jakobson, Fant & Halle (1952) e Jakobson & Halle (1956), entre outros, que preconizaram a idéia de que cada som possui um número limitado de traços que o diferencia dos demais sons das línguas. Anos depois, Chomsky & Halle (1968) propuseram um novo modelo, na tentativa de descrever não apenas os contrastes dos sons da língua, mas também o conteúdo fonético de segmentos derivados por regras fonológicas e de segmentos fonêmicos.

Em nosso estudo, demos ênfase, porém, apenas aos traços [anterior] e [coronal]. O primeiro refere-se ao local onde o som é obstruído durante sua produção. Assim, dizemos que um fonema é [+anterior] porque em sua produção ocorre uma obstrução na parte anterior à região palato-alveolar. O traço coronal, por sua vez, tem relação com a parte da língua que é movimentada durante a produção do som, sendo [+coronal] sempre que a lâmina da língua levanta-se.

Diante do exposto acima, assinalamos que, apesar de ser possível a realização de /S/ como uma fricativa glotal desvozeada, esta variante foi desconsiderada da pesquisa<sup>2</sup>, a qual se restringiu às fricativas coronais anteriores, ou seja, àquelas em que a produção do som acontece quando a lâmina da língua, funcionando como articulador ativo, levanta-se a um ponto superior à posição neutra.

### **2.3 Uma Visão Histórica da Palatalização de /S/**

Em estudo sobre a evolução da língua portuguesa, Ribeiro (2006) define o fenômeno de palatalização como sendo a “transformação de um ou mais fonemas numa palatal.” Em nosso estudo, contudo, denominamos palatalização o processo pelo qual a língua, como articulador ativo, levanta-se em direção a parte posterior do palato duro, articulador passivo (SILVA, 2001). Dessa maneira, consideramos o processo de palatalização sempre que ocorrer tal tipo de alteração no ponto de articulação, isto é, sempre que a língua apresentar-se numa posição mais para frente da cavidade bucal que de costume, como acontece quando as alveolares dão origem a formas palato-alveolares.

Em seus estudos, Ribeiro (2006) constatou que o processo de palatalização está presente no Português desde a formação da língua. Muitas palavras latinas, por exemplo, passaram por esse processo antes de dar origem a palavras portuguesas. Aliás, foi a palatalização mesma que originou muitas palavras de nosso idioma, a ver: *pisce* > peixe; *miscere* > mexer; *passione* > paixão.

É necessário dizer, porém, que a palatalização não deixou de ocorrer com o estabelecimento da língua portuguesa. Neste sentido, Castro (2006) defende que o /S/ implósivo que ocorre em muitos finais de sílaba interna e, sobretudo, em todas as palavras plurais, sendo por isso um dos fonemas mais freqüentes da língua portuguesa, sofreu em

---

<sup>2</sup> A desconsideração da variante fricativa glotal foi justificada também por seu número insuficiente de dados.

Portugal, de sul para norte a partir do séc. XVIII, uma palatalização que ainda não atingiu os dialetos do norte. Já no Brasil, a palatalização do /S/ em posição final de sílaba parece ter sido introduzida no início do século XIX, trazida pela corte de Dom João VI (CALLOU, 2002).

Segundo observa Silva (2001), o s ortográfico pode manifestar-se de duas maneiras, de acordo com o vozeamento da consoante que o segue. Assim, poderá ocorrer uma das fricativas desvozeadas [s,ə] quando a consoante seguinte for desvozeada (ex.: [casca], [caəca]) e a ocorrência de uma das fricativas vozeadas [z,ɻ] quando a consoante seguinte for vozeada (ex.: [dezde], [deɻde]).

Na visão de Clements e Hume (1995), o processo de palatalização ocorre conjuntamente com um fenômeno de assimilação parcial do traço [voz] da consoante seguinte ao /S/. Assim, se o contexto seguinte apresenta uma consoante [-voz], a palatalização também o será: e[st]udar ~ e[ət]udar. Por outro lado, se a fricativa é seguida por uma consoante [+voz], a palato-alveolar assimilará o mesmo traço [+voz]: me[zm]o me[ɻm]o.

Se considerarmos um contexto seguinte à fricativa não consonantal, temos uma outra situação. Na visão de Brescancini (2003), um contexto seguinte composto por vogal é favorecedor da produção da variante palato-alveolar [+voz], já que haveria o espraçamento do traço [+voz] da vogal para o /S/: doi[s õ]mens ~ doi[ɻõ]mens. Não podemos esquecer, contudo, que há ainda a possibilidade de não haver a palatalização nestes casos, fato este que ocasionaria em um processo de ressilabificação, criando uma nova estrutura silábica a fim de seguir o padrão silábico do Português Brasileiro, isto é, CV. Neste caso, poderíamos dizer que, quando o contexto seguinte é vocálico, a tendência é não ocorrer a palatalização da fricativa, mas a produção da variante alveolar para uma ressilabificação: doi[zõ]mens.

## 2.4 Estudos Anteriores sobre a Palatalização de /S/

Como já dito anteriormente, vários foram os estudos já realizados sobre a alteração fonética sofrida pelas fricativas alveolares ao se tornarem palato-alveolares. Nesta seção, faremos uma breve revisão da literatura, trazendo os resultados de algumas dessas pesquisas.

Em sua pesquisa sobre as possíveis realizações de /s/ em Florianópolis-SC, Furlan (1982) observou que a variante palato-alveolar é a mais recorrente, apresentando-se em

78% dos dados coletados. Resultados estes que foram confirmados posteriormente por Brescancini (1996), a qual verificou em nova pesquisa a ocorrência de 61% palato-alveolares, 32% de alveolares, 8% de aspiração e 1% de zero fonético.

A investigação feita por Pessoa (1986) sobre o fenômeno na cidade de Natal-RN foi muito limitada, pois considerou apenas dados de fala de quatro informantes femininos. Contudo, apesar ter um caráter de pesquisa ainda inicial, os resultados revelaram que a predominância das formas alveolares parece indicar uma tendência da comunidade lingüística local de preferir esta realização em detrimento à palato-alveolares, as quais estariam restritas a certos contextos lingüísticos.

Os resultados da pesquisa realizada por Hora (1997) sobre o comportamento de /S/ em João Pessoa-PB indicam uma preferência dos falantes pela forma alveolar e, mais que isso, apontam ainda a realização palato-alveolar como uma variante estigmatizada na comunidade lingüística local.

O estudo realizado por Callou e Moraes (1996), com os dados do Projeto NURC<sup>3</sup> para cinco capitais brasileiras (Porto Alegre-RS, Recife-PE, Rio de Janeiro-RJ, Salvador-BA e São Paulo-SP), obteve um resultado diferente. Os autores concluíram que em Porto Alegre e São Paulo há o predomínio da realização alveolar, em Recife e Rio de Janeiro predomina a variante palato-alveolar e em Salvador há quase um equilíbrio entre as duas realizações, não havendo sobreposição de nenhuma das variantes.

No mesmo ano, Canovas (1996) pesquisou o fenômeno para a cidade de Salvador-BA e, diferentemente de Callou e Moraes (1996), seus dados mostraram que os soteropolitanos fazem maior uso das formas alveolares. Essa diferença nos resultados revela que o tempo influenciou bastante da predominância de uma variante sobre a outra. A esse respeito, Mota (2002) constatou que a produção palato-alveolar está perdendo espaço nesta comunidade lingüística porque os falantes mais novos preferem as variantes alveolares.

Em estudos realizados sobre o /S/ pós-vocálico na comunidade lingüística de Brasília-DF, Corrêa (1998) observou que a realização alveolar é quase que categórica, sendo a produção palato-alveolar tão pequena, que pode ser totalmente desconsiderada.

Os resultados obtidos por Brescancini (2002) apontaram que a variante palato-alveolar predomina na comunidade lingüística de Florianópolis-SC e que, apesar de influenciado por todas as variáveis analisadas, sejam elas sociais ou lingüísticas, foram estas

---

<sup>3</sup> O Projeto NURC (Norma Lingüística Urbana Culta) foi criado, em âmbito nacional, em 1969. Por isso, os dados utilizados na pesquisa foram basicamente da década de 70.

últimas as selecionadas em primeiro lugar pelo programa como sendo estatisticamente mais relevantes.

Na pesquisa feita em Recife-PE, Macedo (2004) obteve os mesmos resultados que Callou e Moraes (1996), ou seja, que a palatalização de /S/ é predominante na fala dos recifenses. Desse modo, a autora concluiu que o grande número de ocorrências de formas palato-alveolares, bem como a repetição de um mesmo resultado em um período de tempo posterior, significavam uma verdadeira marca do falar daquela cidade.

Observando, portanto, alguns dos vários trabalhos a respeito do fenômeno de palatalização de /S/ no Brasil, em uma primeira análise, podemos dizer que enquanto na região Nordeste há o predomínio da realização alveolar de /S/, resultado refutado apenas em Recife-PE, nas regiões Sul e Sudeste não há predomínio de nenhuma das formas, pois há estados que tendem à realização alveolar e estados que preferem as palato-alveolares. Quanto à realidade lingüística das regiões Norte e Centro-oeste, não há muito que se falar, pois poucos foram os estudos realizados nessas áreas. Se considerarmos, porém, a proximidade geográfica com a região Nordeste, tenderemos a pensar que lá as formas alveolares são predominantes. Vejamos, pois, na Tabela 1, um quadro ilustrativo com o resultado destes estudos, para melhor visualização do fenômeno no Brasil.

Tabela 1 – Estudos sobre a palatalização de /S/

| <b>ESTUDO</b>                        | <b>RESULTADO</b>                       |
|--------------------------------------|--|
| <b>Região Sul e Sudeste</b>          |  |
| Florianópolis-SC (FURLAN, 1982)      | Predomínio da variante palato-alveolar |
| Florianópolis-SC (BRESCANCINI, 1996) | Predomínio da variante palato-alveolar |
| Porto Alegre-RS                      | Predomínio da variante alveolar        |
| São Paulo-SP (CALLOU & MORAES, 1996) | Predomínio da variante alveolar        |
| Rio de Janeiro-RJ                    | Predomínio da variante palato-alveolar |
| Florianópolis-SC (BRESCANCINI, 2002) | Predomínio da variante palato-alveolar |
| <b>Região Nordeste</b>               |  |
| Natal-RN (PESSOA, 1986)              | Predomínio da variante alveolar        |
| Recife-PE                            | Predomínio da variante palato-alveolar |
| Salvador-BA (CALLOU & MORAES, 1996)  | Equilíbrio entre as variantes          |
| Salvador-BA (CANOVAS, 1996)          | Predomínio da variante alveolar        |
| João Pessoa-PB (HORA, 1997)          | Predomínio da variante alveolar        |

|                            |  |
|----------------------------|--|
| Recife-PE (MACEDO, 2004)   | Predomínio da variante palato-alveolar |
| <b>Região Centro-Oeste</b> |  |
| Brasília-DF (CÓRREA, 1998) | Predomínio da variante alveolar        |

No próximo capítulo, faremos uma breve exposição sobre a Teoria Variacionista Laboviana, fundamento teórico deste estudo.

### 3 A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

---

Como dizia Labov “(...) não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança lingüística fora da vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 1972, p.3). Dessa forma, na visão de Labov, estudar a língua desconsiderando o contexto social em que ela está inserida é um erro, pois somente a partir da investigação da relação entre língua e sociedade, é possível entender como um sistema que está em perfeito funcionamento – o sistema lingüístico – pode mudar.

Contudo, nem sempre o entendimento de língua como sistema variável predominou. Antes do desenvolvimento da Sociolingüística Quantitativa, também chamada Teoria da Variação, muitos modelos lingüísticos reconheciam na língua um caráter de homogeneidade e imutabilidade, desconsiderando, pois, os fenômenos de variação.

Durante a primeira metade do século XX, o Estruturalismo foi o modelo lingüístico predominante. Seu principal representante foi Ferdinand de Saussure, que defendeu a concepção de língua como um sistema homogêneo e unitário, em que não era possível observar diretamente a mudança fonética, uma vez que esta aconteceria de modo casual, por imitação dos hábitos de fala determinados pelo prestígio do modelo. Em seu *Curso de Lingüística Geral*, Saussure afirmou que a *langue* configurava uma

(...) parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade (SAUSSURE, 1995, p. 22).

Com esta visão, Saussure defendia que não caberia ao indivíduo isoladamente mudar a língua por si só, e sim aceitá-la passivamente. Em sua distinção entre *langue* e *parole*, afirmava que:

Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas (SAUSSURE, 1995, p. 23).

Na segunda metade do século XX, a visão gerativista começa a ganhar força, representada principalmente por Noam Chomsky. Durante este período, assumia-se que o

objeto dos estudos lingüísticos seria a competência lingüística do falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade lingüisticamente homogênea. Em suas palavras:

Linguistic theory is concerned with an ideal speaker-listener, in a completely homogeneous speech-community, who knows its language perfectly and is unaffected by such grammatically irrelevant conditions as memory limitations, distractions, shifts of attention and interest, and errors (random or characteristic) in applying his knowledge of the language in actual performance. <sup>4</sup>(CHOMSKY, 1965, p. 3-4)

Dessa forma, Chomsky propôs a dicotomia competência/performance, defendendo que a competência representa o conhecimento abstrato que o falante possui sobre as regras da língua e a performance, ou desempenho, corresponde à seleção e execução que o falante faz de tais regras.

O objetivo do Gerativismo, assim, era fazer a descrição das possíveis ocorrências de uma estrutura, desconsiderando a heterogeneidade da língua, e afirmando que somente a intuição do falante interessava ao estudo lingüístico.

Considerando, pois, que o uso da língua não poderia ser concebido fora de um contexto social, William Labov, na década de 60, propôs um novo modelo de análise e sistematização das variantes lingüísticas usadas por uma mesma comunidade de fala, levando em consideração aspectos sociais. Era o nascimento da Sociolingüística Quantitativa (LABOV, 1972), teoria que passaremos a expor na próxima seção.

### 3.1 Teoria da Variação Lingüística

A Sociolingüística Quantitativa surgiu como resposta aos modelos anteriores – Estruturalismo e Gerativismo, por exemplo – os quais baseavam seus estudos na idéia de homogeneidade da língua. Na abordagem da Sociolingüística Quantitativa, busca-se estabelecer uma relação entre linguagem e sociedade, observando o caráter heterogêneo e sistemático da variação na língua.

Na tentativa de entender como aconteciam as mudanças e variações na língua, Weinreich, Labov e Herzog (1968) começaram a desenvolver uma teoria que tratasse de tais

---

<sup>4</sup> Cf. tradução feita pela autora da premissa. 2008. A Teoria Lingüística preocupa-se com um falante-ouvinte ideal, numa comunidade de fala completamente homogênea, que sabe sua língua perfeitamente e não pode ser afetada por condições gramaticalmente irrelevantes, tais como limitações de memória, distrações, mudanças de

questões, de maneira a explicar como uma “uma estrutura lingüística de uma comunidade é transformada no curso do tempo, de forma que, em algum sentido, tanto a língua como a comunidade, permaneçam as mesmas, mas a língua adquira uma forma diferente” (HORA, 2003, p. 73).

Para Romaine (1982), estudar a relação entre língua e sociedade, do ponto de vista da Sociolingüística, possibilita fazer um estudo mais detalhado da influência lingüística na sociedade, analisando principalmente o aspecto social da diversidade lingüística.

E, neste sentido, confirma-se a idéia de Hudson (1980, p. 5) de que a distinção entre Sociolingüística e a Sociologia da Linguagem é uma questão de ênfase, pois enquanto na primeira dá-se ênfase à língua, analisando as suas estruturas, na segunda privilegia-se o caráter social, ou seja, o estudo da sociedade.

Concebendo a língua como uma estrutura heterogênea ordenada, o modelo variacionista nega a existência de falantes ideais e, conseqüentemente, a comunidade lingüística homogênea, preocupando-se, assim, com um tipo de investigação que correlaciona aspectos do sistema lingüístico e aspectos do sistema social, atuando nas fronteiras entre língua e sociedade, apresentados em situações reais de uso da língua.

Os sociolingüístas, portanto, estudam a língua de um falante inserido numa comunidade de fala, em que, por haver interação com outros falantes, o mesmo está sujeito à influência do meio, e desse modo, pode haver acréscimos de novas formas a seu repertório lingüístico, bem como a realização de algumas formas de modo diferente.

Segundo afirma Alkmim (2001 *apud* MUSSALIN, 2001, p.31), essa comunidade lingüística é caracterizada por “indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras”, constituindo-se, assim, no ponto de partida da investigação variacionista. É por esse mesmo motivo que, ao se estudar qualquer comunidade de fala, imediatamente constatamos a existência de diversidade ou de variação lingüística.

Ao considerarmos a variação lingüística, naturalmente estamos reconhecendo a presença de variantes na língua, isto é, de diferentes formas que coexistem no mesmo sistema lingüístico. De acordo com Chambers (1995, p. 13), tais variantes ou são advindas de outros sistemas lingüísticos que coexistem com o primeiro, ou são formas de variação livre<sup>5</sup>.

---

atenção e interesse, e desvios (aleatórios ou característicos), ao aplicar seu conhecimento da língua em seu desempenho da mesma.

<sup>5</sup> Segundo Hora (2003, p.73), a idéia de variação livre diz respeito à arbitrariedade das variantes. Isto é, considera-se que a variação ocorre independentemente de restrições, sejam elas sociais ou lingüísticas. Nesse entendimento, é impossível prever a ocorrência de uma variante.

Diferentemente dos modelos anteriores, a Teoria da Variação não trata as variedades lingüísticas como problemas, mas como uma qualidade constitutiva do próprio sistema lingüístico e, por isso, também influenciadas pelo mesmo.

Sendo inerentes ao sistema, as variedades lingüísticas relacionam-se diretamente à estrutura social da comunidade de fala onde estão inseridas. Desse modo, percebemos a presença tanto de variedades consideradas superiores, quanto de outras consideradas inferiores, confirmando que num mesmo sistema podem coexistir variedades de diferentes status, à medida que as pessoas acabam refletindo no falar suas características sociais. Assim, “uma variedade lingüística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. (GNERRE, 1985, p.4)

À medida que a língua começa a adquirir valor, como reflexo do status do falante que a produz, surgem os conceitos de variedade de prestígio e variedade estigmatizada. Segundo Câmara Jr. (1981, p. 289), a escolha pela forma de prestígio está relacionada às formas utilizadas pela “classe social mais prestigiosa no país” e, por isso, esta variedade passa a ser adotada como norma padrão da língua. Os falantes pertencentes aos grupos sociais dominantes passam a ditar o modelo de língua a ser seguido pelos demais indivíduos, cujas variedades lingüísticas são estigmatizadas por não corresponderem ao “padrão” prescrito pela elite.

Neste sentido, podemos entender o porquê de nem toda variedade padrão – também chamada variedade de prestígio – corresponder exatamente à língua em sua forma culta, segundo prescrito nos manuais. O que acontece é que a variedade padrão é o resultado de uma atitude social ante à língua, traduzida, de um lado, pela escolha de um dos modos de falar entre todos os existentes na comunidade e, de outro lado, pelo estabelecimento de um conjunto de normas que definem o modo “correto” de falar. Um exemplo claro disto é, pois, a produção palato-alveolar de /S/ na comunidade de fala do Rio de Janeiro-RJ, haja vista ser uma variedade usada por praticamente todos os falantes, mesmo não estando prescrita nos manuais e gramáticas de Língua Portuguesa.

Para Agheyisi & Fishman (1970), selecionar uma variedade como padrão é a tentativa de homogeneizar uma realidade de variação. Desse modo, uma única forma é escolhida para representar a língua de toda uma sociedade e, como a esta última passa por constante processo de mudança, assim também acontecerá com os padrões da língua, mas em ritmo menos acelerado, justificando, pois, o fato de uma forma antes estigmatizada ser considerada padrão em época distinta.

Claro está que a escolha da forma de prestígio e da forma estigmatizada está relacionada ao poder e à autoridade que os falantes dessas variedades detêm nas relações econômicas e culturais das quais participam.

A diversidade lingüística, entretanto, não se restringe a contextos de origem socioculturais e geográficos. Como afirma Halliday (1965), um mesmo indivíduo pode alternar seu falar entre diferentes formas, de acordo com a mudança das circunstâncias que cercam a interação verbal, tais como: contexto social, assunto tratado, identidade social do interlocutor, etc.

Nas palavras de Sankoff (1988, p. 984):

Sempre que a escolha entre duas (ou mais) alternativas discretas puder ser percebida como tendo sido feita durante o desempenho lingüístico, e sempre que essa escolha puder ser influenciada por fatores tais como traços do ambiente fonológico, contexto sintático, função discursiva do enunciado, tópico, estilo, situação interacional, ou características sociodemográficas ou pessoais do falante ou de outros participantes, estamos diante de uma situação apropriada para recorrer a noções e métodos estatísticos conhecidos pelos estudiosos da variação lingüística como regras variáveis.

As regras variáveis são, assim, vistas como regras que “expressam a covariação entre elementos do ambiente lingüístico e contexto social” em que o falante está inserido. (BRESCANCINI, 2002, p.14) Por essa visão, os indivíduos não realizam variações fonéticas a seu bel prazer como defendiam os estruturalistas no conceito de variação livre<sup>6</sup>, mas, refletem em sua fala a influência a que estão submetidos dentro da sociedade, seja esta condicionada por fatores lingüísticos e/ou sociais (LABOV, 1969).

Por esse entendimento, vários são os fatores que provocam a diversidade lingüística. Ao sistematizar a variação existente na linguagem, a Sociolingüística Variacionista busca, portanto, explicar que, um fato lingüístico encontra-se em variação, quando este mesmo fato apresenta diferentes formas de dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade.

É neste sentido que o lingüista William Labov defende que a variação da língua não é um fato aleatório e casual. Mas, ao contrário, é um fato regulado por contextos lingüísticos e sociais e que, por isso, a heterogeneidade da língua pode ser associada com a noção de sistema (LABOV, 1994).

A Sociolingüística Quantitativa procura, assim, estabelecer uma sistematização

---

<sup>6</sup> Cf. LYONS, J. Introdução à lingüística teórica. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1979. p.118-119.

no universo heterogêneo da linguagem falada, analisando dados estatísticos de fatores lingüísticos e extralingüísticos que estão relacionados à variação.

Os fatores que podem ser correlacionados ao processo de variação são classificados em variáveis internas ou lingüísticas e variáveis externas ou extralingüísticas. As primeiras referem-se aos aspectos da língua em todas suas dimensões, sejam eles fonéticos-fonológicos, morfossintáticos, semânticos, discursivos ou lexicais. Já os últimos são aqueles que dizem respeito às características inerentes aos falantes, sejam elas próprias dos indivíduos (sexo, idade), ou sócio-geográficos (região, escolarização, profissão), ou ainda contextuais (grau de formalidade, tensão discursiva) (MOLLICA, 2003).

Como observa Hora (2004, p.19), “(...) nem tudo o que varia implica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação (...)”. Assim, é tarefa do pesquisador fazer a devida investigação da variável a fim de determinar seu caráter de variação ou mudança.

Para saber se é um caso de variação ou de mudança, o pesquisador dispõe de dois métodos de investigação: pesquisa em tempo aparente e em tempo real. No primeiro tipo, temos uma investigação sincrônica, ou seja, o estudo é realizado a partir de um recorte temporal feito pelo pesquisador, o qual analisa dados de uma determinada comunidade de fala estratificada em faixas etárias. Por outro lado, quando temos um estudo em tempo real, como o nome já diz, estamos realizando uma pesquisa a partir de uma projeção temporal, isto é, a pesquisa é realizada numa perspectiva diacrônica.

Labov (1994) defende que um estudo em conjunto com os dois métodos de investigação traz resultados mais seguros para a pesquisa, porque, enquanto em uma investigação em tempo real é possível perceber o comportamento lingüístico de certa comunidade de fala durante aquele espaço de tempo específico, em um estudo em tempo aparente, o investigador consegue fazer uma análise do comportamento lingüístico da comunidade de fala ao longo do tempo, observando, desse modo, os diferentes estágios por que passou o fenômeno em estudo.

O autor sugere ainda que a investigação em tempo real pode ser feita de duas maneiras distintas: estudo de tendência e estudo de painel. Enquanto o primeiro tipo refere-se à coleta de dados de amostras distintas da mesma comunidade – amostras de diferentes faixas etárias, por exemplo – em um mesmo intervalo de tempo, o segundo abrange os dados dos mesmos indivíduos, coletados em épocas diferentes. O estudo de tendência, então, permite observar possíveis mudanças em curso. Já o estudo de painel possibilita determinar “as condições em que cada indivíduo muda ou está estável” (HORA, 2004, p. 24).

Ao analisarmos a ocorrência de variantes na língua, podemos perceber, muitas vezes, um caráter de estabilidade na variação lingüística de determinada comunidade de fala, como por exemplo, quando jovens e idosos possuem o mesmo comportamento lingüístico. Nesse caso, temos uma variação estável, a qual pode permanecer por muitas gerações. Por outro lado, às vezes, acontece de uma variedade ser mais recorrente que outra no repertório lingüístico dos jovens e/ou adultos de determinada comunidade de fala, diferenciando-os, pois, dos falantes idosos dessa mesma comunidade. Nesse caso, temos um estado de mudança em progresso, uma vez que os falantes mais novos têm grandes chances de sobreviverem aos mais antigos, sobrepondo, pois, seu falar àquele.

Fundamentando-se na Teoria Variacionista proposta por Labov na década de 60, o presente trabalho busca resultados em dados coletados em tempo aparente, inserindo-se, pois, dentro da pesquisa sociolingüística e adotando seus critérios metodológicos para a sua realização, como será discutido no próximo capítulo.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

---

### 4.1 O Amapá e suas Vozes

Um dos estados mais novos do país, o Amapá está localizado no nordeste da região Norte do Brasil, fazendo fronteira com a Guiana Francesa e com o Suriname. Até tornar-se unidade federativa brasileira um longo caminho foi percorrido.

Por muito tempo, a região foi disputada entre brasileiros e europeus, até que, em 1900, a comissão de Arbitragem em Genebra, na Suíça, concedeu a posse do território disputado ao Brasil. Entretanto, a região não recebeu autonomia, sendo, assim, incorporada ao Pará, com o nome de Araguari. Quarenta e três anos depois, durante a Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro decidiu agir estrategicamente e separou a região do Estado do Pará, constituindo o Território Federal do Amapá (Decreto-lei nº 5.812/1943).

A região do Araguari estava em pleno desenvolvimento econômico, principalmente com as descobertas de jazidas de manganês e, por isso, era destino certo de muitos brasileiros que buscavam melhores condições de vida. Foi nesse contexto que, em 1988, com a promulgação da Constituição da República, a região ganhou status de unidade federativa do Brasil e passou a ser chamado de Amapá. Após tornar-se Estado, o número de migrações continuou elevado, sendo que os nordestinos juntaram-se aos sulistas e passaram a aventurar-se também nas novas terras.

Para ser a capital do novo estado, foi escolhida uma região a sudeste do estado, exatamente onde passa a Linha do Equador. Uma característica interessante de Macapá é que é a única capital brasileira que não possui comunicação rodoviária com as demais. Assim, seu isolamento geográfico faz com que o acesso à região fique limitado e, com isso, os índices de preservação ambiental e cultural acabam sendo diferenciados. Dentro de sua área de 143.453 km<sup>2</sup>, menos de 1% foi desmatada e quase 30% de sua cobertura vegetal constituem área de proteção.

Segundo dados do IBGE (Censo 2007), Macapá possui uma população de 368.397 habitantes, em sua área de 6.563 km<sup>2</sup>. Com uma densidade demográfica de 49,75 hab./km<sup>2</sup>, a capital do Amapá abriga 75% da população do Estado, sendo a quarta cidade mais populosa do norte do país.

Ao analisar o contexto histórico da formação e desenvolvimento da cidade de Macapá, percebemos que sua população é constituída não apenas de etnias diferenciadas (indígenas, brancos europeus e dos negros)<sup>7</sup>, mas também por brasileiros de todas as regiões do país, sobretudo nordestinos.

Como no restante do país, a língua portuguesa é o idioma oficial. Porém, devido à grande miscigenação de raças que houve na área e, sobretudo à influência indígena, algumas línguas indígenas e o *lanc-patuá*, língua crioula baseada no francês, também são encontrados em Macapá.

Macapá é uma cidade nova não apenas por ter sido criada há pouco tempo, mas também por possuir uma população jovem: cerca de 45% de seus habitantes possuem menos de quatorze anos.

Tendo em vista que Macapá é uma cidade jovem – tem apenas 20 anos de idade – no presente estudo, buscamos descobrir um pouco dessa região no que diz respeito ao comportamento lingüístico dessa comunidade, cujo perfil lingüístico ainda não foi traçado.

## 4.2 *Corpus*

Como toda pesquisa de cunho sociolingüístico, o presente estudo foi baseado em dados reais e naturais de fala, coletados do *corpus* do Projeto Vozes do Amapá, o qual consta de dados concretos de fala obtidos através de entrevistas de 35 informantes macapaenses.

Tarallo (1995) afirma que as entrevistas que fornecem os dados para a pesquisa devem procurar alcançar o vernáculo, ou seja, a fala usada em situações normais de interação social, na qual não há preocupação de *como* estes enunciados são pronunciados. Entretanto, tal tarefa não é tão simples como parece, porque prevê a ocorrência de uma situação natural em um ambiente artificializado tanto pela presença de um interlocutor estranho – o entrevistador – como do gravador.

No entendimento de Labov (1994), esta artificialidade constitui o chamado paradoxo do observador. Isto é, o entrevistador deve coletar dados de uma fala que flui naturalmente, mas, ao mesmo tempo, deve dirigir o informante para que ele produza dados referentes ao objeto de estudo em questão.

---

<sup>7</sup> O processo de formação de toda a população brasileira foi por miscigenação entre brancos europeus, índios e

Com o objetivo de minimizar os efeitos (e porque não dizermos defeitos?) de uma entrevista não natural, o autor propôs uma série de recursos que podem ser utilizados para criar um ambiente mais próximo da realidade do indivíduo, fazendo com que este forneça dados de fala tão naturais como se estivesse participando de qualquer interação social de sua vida. Assim, os entrevistadores podem fazer contatos prévios com os informantes para, além de criar uma espécie de confiança na hora da coleta dos dados, saber sobre que assuntos os sujeitos gostam de falar. Esses contatos anteriores facilitam muito a naturalidade da fala do sujeito pesquisado, pois “conhecendo” o observador, resta apenas o gravador como estranho à situação e, uma vez envolvido pelo tema que está falando, torna-se mais fácil esquecer a presença do aparelho. A essa fala que o informante produz sem monitoramento, mesmo diante do observador e gravador, Labov (2001) dá o nome de narrativa, a qual, segundo o autor, deve ser a base de coleta de dados para toda pesquisa sociolingüística.

Seguindo, então, os ensinamentos de Labov (2001), os dados do Projeto Vozes do Amapá foram colhidos a partir de narrativas sociolingüísticas. As mesmas foram inicialmente armazenadas em fitas cassetes e depois em CDs. Após o armazenamento dos dados, estes foram transcritos e publicados<sup>8</sup>.

A seleção dos informantes que forneceram os dados para o Projeto Vozes do Amapá foi feita obedecendo a certos critérios, dentre os quais, destacamos o fato de que todos nasceram em Macapá-AP e nunca residiram fora da cidade, bem como seus pais, confirmando, assim, que a amostragem obtida representa realmente uma comunidade de fala da região.

Além desta exigência, os informantes foram reunidos, tentando-se seguir a mesma estratificação social de outros tantos projetos desenvolvidos no Brasil (PEUL, na UFRJ; VARSUL, no sul do Brasil; VALPB, na UFPB), ou seja, de acordo com o sexo, os anos de escolarização e a faixa etária.

Queremos salientar ainda que o *corpus* foi escolhido durante a fase de elaboração do projeto *Vozes do Amapá* e que, por isso, algumas falhas técnicas só foram descobertas depois de iniciada a presente pesquisa, fazendo com que muitos dados tivessem que ser descartados, seja por defeitos de áudio ou transcrição, seja por falta de informações essenciais. Desse modo, no estudo atual apenas utilizaremos os dados de 16 (dezesesseis) informantes, assim estratificados:

---

negros, principalmente. (Cf. SCHWARCZ, 1994).

<sup>8</sup> HORA, D. da; SANTIAGO, S. de M. (Orgs.) **Vozes do Amapá**. João Pessoa: Idéia, 2006.

Tabela 2 - Sexo X Faixa Etária

|           | Grupo 1<br>(de 15 a 26 anos de idade) | Grupo 2<br>(acima de 49 anos de idade) |
|-----------|---------------------------------------|--|
| Masculino | 04                                    | 04                                     |
| Feminino  | 04                                    | 04                                     |

Tabela 3 - Sexo X Anos de Escolarização

|           | Grupo 1<br>(até 4 anos) | Grupo 2<br>(Mais de 9 anos) |
|-----------|-------------------------|-----------------------------|
| Masculino | 04                      | 04                          |
| Feminino  | 04                      | 04                          |

Tabela 4 - Faixa Etária X Anos de Escolarização

|                  | Grupo 1<br>(até 4 anos) | Grupo 2<br>(Mais de 9 anos) |
|------------------|-------------------------|-----------------------------|
| Grupo 1 (Jovens) | 04                      | 04                          |
| Grupo 2 (Idosos) | 04                      | 04                          |

Apesar deste contratempo, isto é, da necessidade de desconsiderar muitos dados, não consideramos que tenha havido prejuízo para a conclusão do trabalho, visto que, tratamos aqui de um estudo inicial acerca de uma comunidade que ainda encontra-se isolada do território nacional. Portanto, apresentaremos resultados parciais que, sem dúvida, servirão como alicerce para investigações futuras.

Justificamos ainda a escolha deste *corpus* pelo fato de que o falar dessa região ainda encontra-se em fase de descobertas<sup>9</sup> e, por isso, um estudo sobre a palatalização do /S/ produzido neste local possibilitará a realização de futuros estudos comparativos entre as diferentes regiões brasileiras.

### 4.3 Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho foi a mesma das pesquisas

<sup>9</sup> O Projeto *Vozes do Amapá* é pioneiro no campo da pesquisa lingüística nesta região. Poucos foram os trabalhos sobre o falar macapaense realizados, dentre os quais destacamos os estudos de Hora & Santiago (2004).

fundamentadas na teoria variacionista laboviana (LABOV, 1969; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968), desenvolvidas em todo o Brasil. Dessa maneira, uma vez definido o objeto de estudo, partimos para o levantamento das ocorrências do processo.

Para que fosse possível realizar uma análise descritiva dos dados, iniciamos o estudo fazendo um levantamento quantitativo dos dados. Assim, após a coleta, armazenamento e codificação dos dados, os mesmos foram submetidos ao programa computacional GOLDVARB 3.0 (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005)

Levando em consideração o uso de programas computacionais para auxiliar o trabalho do pesquisador, podemos dizer que a tecnologia cada vez mais facilita a pesquisa sociolinguística. Na década de 80, o desenvolvimento do conjunto de programas VARBRUL (PINTZUK, 1989) revelou uma inovação em termos de quantificação de dados, pois seus programas forneciam informações relativas à porcentagem e ao peso relativo (doravante PR) das variáveis em estudo, permitindo, assim, que o pesquisador pudesse fazer a descrição e interpretação dos dados com mais precisão.

Com o passar dos anos, contudo, a tecnologia avançou e o VARBRUL começou a causar estranhamento aos pesquisadores mais novos, não acostumados a trabalhar em ambiente de MS-DOS. Surgiu, então, a versão do programa para Macintosh, o GoldVarb (RAND e SANKOFF, 1990) e, logo depois a versão para Windows, o GOLDVARB 2001.

Como dito anteriormente, no presente trabalho, utilizamos o GOLDVARB 3.0, a versão mais recente do programa, rodado não só em ambiente de Windows, mas também Macintosh e Linux (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005).

Brescancini (2002) afirma que, por atribuírem significado estatístico a determinada variável independente, os programas do VARBRUL oferecem aos fatores analisados pesos relativos indicativos do maior ou menor favorecimento com relação à aplicação da regra. O mesmo ocorre com o GOLDVALB 3.0, à medida que também dá informações sobre peso relativo e número de ocorrências.

O fornecimento do PR, em pesquisas que tratam o fenômeno binariamente, permite ao investigador determinar o nível de aplicação da regra em análise. Assim, três conclusões podem ser tiradas a partir do conhecimento do peso relativo: se o PR de um fator for superior a 0,5, tal fator é considerado favorável à aplicação da regra; se inferior a 0,5, é pouco favorável, podendo ser considerado inibidor da regra; e, por último, se for exatamente 0,5, é neutro. (NARO, 1992, p. 24).

Nas palavras de Macedo (2004, p.18), “a metodologia variacionista opera com um modelo matemático, por considerar que um fenômeno linguístico só pode ser seguramente

descrito com base na observação de sua regularidade e de sua frequência”. Sendo assim, somente após obter os resultados quantitativos, é possível fazer a análise e descrição do processo propriamente dito, observando quais as restrições que se correlacionam à aplicação ou inibição do fenômeno em estudo.

A próxima seção traz uma breve explicação sobre a codificação dos dados de entrada para o a obtenção dos resultados quantitativos que possibilitarão a presente análise.

#### **4.4 Codificação dos Dados**

Para que os dados fossem submetidos a um tratamento estatístico pelo programa GOLDVARB 3.0, os mesmos foram codificados de acordo com as variáveis investigadas, as quais serão detalhadamente expostas no capítulo seguinte. Assim, para cada variável, um código foi estabelecido a fim de que o programa pudesse fazer a interpretação daquele código, fornecendo dados quantitativos ao pesquisador, o qual faz a análise dos resultados.

Em consonância com a codificação estabelecida (Apêndice A), para a palavra “mesmo”, temos: (3mj1d1d5vtr (mesmo)). Tal código significa: (3) produção da fricativa em sua forma glotal; (m) dado fornecido por falante do sexo masculino; (j) dado fornecido por falante pertencente ao primeiro grupo etário; (1) o falante possui até quatro anos de escolarização; (d) a fricativa encontra-se numa posição medial na palavra; (1) tem-se uma vogal coronal como contexto fonológico precedente à fricativa; (d) o contexto fonológico precedente é não-derivado; (5) tem-se uma consoante labial como contexto fonológico seguinte à fricativa; (v) o elemento posterior à fricativa é vozeado; (t) a fricativa encontra-se em contexto tônico na palavra; e (r) a fricativa está localizada no domínio do radical da palavra.

No próximo capítulo, explicaremos como foi feita a definição dessas variáveis, tanto a dependente, como as independentes.

## 5 APRESENTAÇÃO DAS VARIÁVEIS

---

Segundo Labov (1972), as variações que ocorrem na língua não são aleatórias, não é o falante quem escolhe por uma ou outra forma a seu bel prazer. Existem, pois, regras especiais – as *regras variáveis* – que regulam tais escolhas, fazendo com que o indivíduo escolha uma ou outra maneira, seja sob uma influência lingüística ou mesmo social.

A pesquisa sociolingüística, portanto, é feita, com o intuito de descobrir exatamente quais são essas influências que acabam por determinar as escolhas dos falantes. Por isso, antes de dar início a qualquer pesquisa de cunho variacionista, é preciso estabelecer que variáveis possivelmente afetam a escolha do falante para o fenômeno em estudo.

Neste capítulo, apresentamos todas as variáveis que investigamos em nossa análise, enfatizando que nos baseamos em estudos anteriores, sobretudo o de Brescancini (2002), para levantarmos as variáveis lingüísticas.

### 5.1 Variável Dependente

A variável dependente diz respeito exatamente ao objeto de estudo, isto é, ao fenômeno a ser investigado. Em nossa análise, buscamos compreender o comportamento de /S/ em posição de coda, seja medial ou final. Então, como prevê Tarallo (1995), é preciso fazer um levantamento de todas as variantes que /S/ possa apresentar nesta posição, para, posteriormente, definirmos nossa variável dependente. Assim, vejamos:

|            |         |         |         |
|------------|---------|---------|---------|
| a. me[z]mo | me[ɲ]mo | me[h]mo | me[Ø]mo |
| b. may[s]  | may[ə]  | ma[h]   | may[Ø]  |

Analisando, pois, as possibilidades de realização de /S/, percebemos que, se desconsiderarmos a distinção do traço [voz], temos quatro maneiras diferentes de realizar tal fonema:

- sons alveolares [s,z]
- sons palato-alveolares [ɲ]
- som glotal [h]

- zero fonético [Ø]

A partir de tal constatação, podemos dizer que nossa variável dependente é eneária, uma vez que possui quatro variantes: alveolares, palato-alveolares, glotal e zero fonético.

## 5.2 Variáveis Independentes

A definição das variáveis independentes guarda estreita relação com as hipóteses formuladas pelo pesquisador, porque são estas últimas que vão informar o condicionamento esperado para o fenômeno em questão. É, portanto, a partir da formulação das hipóteses que é possível estabelecer as características lingüísticas e extralingüísticas que possivelmente influenciam a escolha de uma variante ou outra.

Na pesquisa sociolingüística, temos dois grupos de variáveis independentes: as lingüísticas e as extralingüísticas. As primeiras dizem respeito à estrutura interna do sistema lingüístico, isto é, referem-se a aspectos sintáticos, morfológicos, fonológicos, etc. Já o segundo grupo refere-se a fatores externos à língua, relacionados mais aos aspectos sociais dos falantes, quais sejam: sexo, classe social, anos de escolarização, faixa etária, etc.

Nas próximas seções, trazemos a descrição de cada variável utilizada no nosso estudo.

### 5.2.1 Variáveis sociais

Por se tratar de uma pesquisa sociolingüística, a análise de fatores sociais é de fundamental importância, porque, neste campo, busca-se investigar como se dá(ão) a(s) relação(ões) entre os aspectos lingüísticos e sociais de uma sociedade: “The correlation of dependent linguistic variables with independent social variables (...) has been the heart of Sociolinguistics”<sup>10</sup> (CHAMBERS, 1995, p.17)

Ainda de acordo com Chambers (1995), três são os fatores sociais que influenciam a maneira de falar de um indivíduo: sexo, classe social e idade. Em nosso estudo,

porém, optamos por investigar os anos de escolarização no lugar da classe social, visto que, em um país como o nosso, onde não há divisões claras e/ou definitivas sobre classe social, uma análise sob esta perspectiva pode vir a ser falha. Por outro lado, investigar os anos de escolarização de um indivíduo no Brasil é de extrema importância, porque permite-nos saber qual o grau de familiaridade que tal falante possui a respeito da sistematização da língua.

#### 5.2.1.1 Sexo

Que homens e mulheres são diferentes não há dúvidas, mas será que essas diferenças limitam-se aos planos físico e fisiológico?

Para os estudos sociolinguísticos, a variável *Sexo* é “uma categoria biológica que serve como base fundamental para a diferenciação de regras, normas e expectativas na sociedade”. (ECKERT, 1998, *apud* BESERRA, 2004, p.266). Desse modo, percebemos que características biológicas são, muitas vezes, responsáveis por determinar os papéis que cada indivíduo exerce na sociedade, influenciando o surgimento de algumas normas e costumes que se aplicam ora aos homens, ora às mulheres.

Em relação ao modo de falar, percebemos que as diferenças entre homens e mulheres acontecem não apenas no plano biológico (como diferenças no timbre da voz), mas também num patamar cultural. A literatura mostra, por exemplo, que mulheres, independente de classe social, buscam aproximar-se da forma padrão, como se a utilização de tais formas, por serem de prestígio, lhes desse um status maior frente aos homens. Por outro lado, estudos mostram a preferência dos homens pelas variedades não-padrão da língua. Seria como se o descuido com a língua fosse uma forma de eles afirmarem sua masculinidade frente à sociedade. (ROMAINE, 2003)

Reconhecendo, pois, as diferenças entre o modo de falar de homens e mulheres, Labov (1994) concebeu alguns princípios básicos que resumiriam tais distinções: I. Numa estratificação sociolinguística estável, os homens usam as formas não-padrão em maior frequência que as mulheres; II. Em contrapartida, as mulheres favorecem as formas de prestígio mais que os homens; III. Na mudança, as mulheres mostram-se mais como as inovadoras, utilizando as formas novas muito mais que os homens.

Ao considerarmos, porém, o status adquirido pelo indivíduo na sociedade, devemos introduzir o conceito de um outro fator social, o gênero. Diferentemente do fator

---

<sup>10</sup> Cf. tradução feita pela autora da premissa. 2008. A correlação das variáveis linguísticas dependentes com as variáveis sociais independentes (...) tem sido o coração da Sociolinguística.

*Sexo*, o *Gênero* não é necessariamente característica congênita dos indivíduos, uma vez que refere-se a uma construção social adquirida por alguém na sociedade. Por ser algo adquirido, a determinação do gênero de um falante vai depender de como esse falante se vê e se deixa ser visto pela sociedade.

De acordo com Milroy and Milroy (1997 *apud* CHESHIRE, 2008), considerar a variável sexo em estudos sociolinguísticos é uma questão metodológica, já que permite que estudos com a mesma estratificação sejam comparados futuramente. Nesse sentido, a adoção da variável gênero talvez não tivesse a mesma eficiência para o pesquisador, visto tratar-se de uma concepção cultural antes de tudo.

É importante dizermos ainda que, em muitas pesquisas sociolinguísticas, os termos sexo e gênero são utilizados como sinônimos. No presente estudo, porém, adotamos a variável *Sexo* para estratificar os falantes. Não sendo, pois, foco de nossa investigação o fator gênero.

#### 5.2.1.2 Faixa etária

Segundo Eckert (1998 *apud* BESERRA, 2004), conceber a relação entre variação e idade só é possível a partir do conceito de faixa etária. Assim, este autor entende que indivíduos pertencentes a um mesmo estágio de vida possuem comportamentos linguísticos semelhantes.

Para determinar como pesquisar os grupos de falantes que possivelmente apresentariam um mesmo comportamento linguístico, a Sociolinguística utilizou os conceitos de estágios de vida da Psicologia, quais sejam, infância, adolescência, juventude, adultez e velhice. Sendo assim, numa pesquisa sociolinguística, relacionamos a faixa etária dos falantes de acordo com o estágio de vida em que eles estão inseridos.

Em seus estudos, Labov (1994) percebeu que jovens e idosos, de uma mesma comunidade linguística, apresentavam comportamento linguístico distinto: enquanto os mais novos tendiam a uma linguagem mais inovadora, os mais velhos eram mais adeptos das formas conservadoras. Tais conclusões possibilitaram reconhecer a existência de formas específicas para cada geração.

Assim, a análise da relação *Faixa Etária* e variável dependente é de grande importância para a determinação do status de um fenômeno de variação linguística. Em outras palavras, podemos dizer que é a partir do estudo desta variável que podemos afirmar se

determinado fenômeno encontra-se em estado de mudança em progresso ou de variação estável (cf. Subitem 3.1, p. 22).

Em nossa pesquisa, estratificamos os informantes em dois grupos etários:

- Grupo 1 – informantes entre 15 e 25 anos
- Grupo 2 – informantes com mais de 50 anos

Optamos por essa estratificação porque acreditamos que, traçando um perfil dos jovens e um dos idosos, será possível determinarmos se o processo de palatalização na comunidade de fala de Macapá constitui um estado de mudança em progresso ou apenas um caso de variação estável.

#### 5.2.1.3 Anos de escolarização

Outra variável social de extrema importância para o estudo sociolinguístico é a referente aos anos que o falante passou na escola, uma vez que neste período o indivíduo está sendo exposto ao conhecimento sistematizado da língua.

No estudo que realizou em Nova Iorque, Labov (1969) percebeu que os falantes que possuíam menos anos de escolarização tinham a tendência de fazer uso de formas não padrão, enquanto aqueles que passaram mais anos na escola tendiam mais ao uso das formas padrão.

A partir daí, vários foram os estudos que confirmaram a hipótese de Labov, demonstrando o importante papel que a escola exerce no comportamento linguístico dos falantes, já que, neste ambiente, muitos fenômenos linguísticos acabam sendo objeto de ensino e/ou são alvos de correção por parte dos professores (MARQUES, 2004).

Oliveira e Silva (1992) diz que a escola determina um certo desempenho linguístico para o falante à medida que baseia o ensino da oralidade a partir de uma imitação da língua escrita. A autora afirma que “(...) o contato com a língua escrita, ‘as leituras em voz alta’ e principalmente os ditados tradicionais, em especial as palavras isoladas, favoritos dos professores que tentam imitar, até mesmo exageradamente, a língua escrita” favorecem o uso da forma padrão estabelecida nos manuais. E o mesmo não ocorre com os falantes que não estão inseridos em contexto escolar.

No caso específico de nosso país, podemos dizer a restrição *Anos de Escolarização* tem grande valor para o estudo sociolinguístico, uma vez que a escola

desempenha papel muito importante na vida dos indivíduos, sobretudo porque possibilita que os mesmos tenham acesso à norma padrão da língua, a qual pode ser vista como um instrumento de ascensão social. Neste sentido, apesar de não ser objeto de nossa pesquisa discutir problemas sócio-políticos do Brasil, vale ressaltar que o ensino público (Fundamental e Médio) ainda é precário e, por isso, grande parte da população ainda continua privada de ter acesso ao ensino.

Em nossa análise, ao considerarmos os anos de escolarização dos informantes, levamos em conta dois grupos distintos:

- Grupo 1 – informantes com até 4 anos de escolarização
- Grupo 2 – informantes com mais de 9 anos de escolarização

Ressaltamos e justificamos nossa estratificação a partir de um dado estatístico importante da cidade de Macapá: segundo o Censo 2000<sup>11</sup>, a maior parte da população daquela cidade é alfabetizada e possui o Ensino Fundamental como o mínimo. (HORA & SANTIAGO, 2006)

### 5.2.2 Variáveis lingüísticas

Tomando por base estudos anteriores sobre a palatalização de /S/, sobretudo a pesquisa realizada por Brescancini (2002) na comunidade lingüística de Florianópolis – SC, o presente estudo investigou sete variáveis lingüísticas que possivelmente estariam relacionadas ao fenômeno em estudo, quais sejam: *Posição da Fricativa na Palavra, Contexto Fonológico Precedente à Fricativa, Status do Contexto Precedente, Contexto Fonológico Seguinte à Fricativa, Traço [voz] do Contexto Seguinte, Posição da fricativa em relação à Sílabas Tônicas e Função Morfológica de /S/*. Nesta seção, passaremos a expor sobre as mesmas.

#### 5.2.2.1 Posição da fricativa na palavra

Em um primeiro olhar, pode parecer incoerente analisarmos a posição da fricativa na palavra, uma vez que desde o início limitamos nosso estudo às fricativas em posição de coda, isto é, em posição final de sílabas. Porém, faz necessário determinarmos

---

<sup>11</sup> O Censo 2000 era o censo mais atual à época da coleta dos dados.

também a posição da coda silábica na palavra, ou seja, se ela é uma coda medial (intravocabular) ou final (intervocabular). (MACEDO, 2004)

Ao verificarmos as codas finais, percebemos que nem sempre elas são mesmos finais, pois aparecem acompanhadas de outras palavras, fazendo com que surjam palavras fonológicas diversas das palavras morfológicas.

Diante de tais constatações, verificamos que o /S/ pode ocupar quatro posições distintas:

- Coda medial escola
- Coda final absoluta quero maiss.
- Coda final seguida por contexto consonantal menos que
- Coda final seguida por contexto vocálico antes ela

Segundo Brescancini (2002), comparando codas mediais e codas finais, as primeiras, ou seja, aquelas que se encontram inseridas dentro da palavra, são as grandes favorecedoras do processo de palatalização das fricativas. Quando consideramos, porém, as codas finais, as absolutas são as grandes favorecedoras e as seguidas por contexto consonantal vêm logo depois<sup>12</sup>.

Para a autora, a explicação para o favorecimento de a palatalização ocorrer nesses ambientes está no Princípio Fonotático do Constituinte Imediato de Selkirk (1982), o qual prega que quando /S/ encontra-se na mesma sílaba que seu contexto indutor, as restrições fonotáticas tornam-se mais estreitas

Para Macedo (2004), as codas finais seguidas por contexto vocálico aparecem como inibidoras do processo de palatalização de /S/, uma vez que tal processo acaba sendo substituído pelo processo de ressilabificação. Assim, nestes contextos, a fricativa deixa a posição de coda e passa a ocupar a posição de *onset*, formando uma nova sílaba com a vogal que a segue.

#### 5.2.2.2 Contexto fonológico precedente

<sup>12</sup> Em seu estudo sobre a palatalização da fricativa em Florianópolis-SC, Brescancini (2002) não considerou em separado as codas finais seguidas por contexto vocálico.

Quando estamos analisando a palatalização da fricativa coronal anterior, podemos considerar o contexto fonológico precedente à fricativa a partir de duas visões distintas: a que considera o contexto como relevante e a que despreza tal contexto.

Segundo Bhat (1978), o contexto vocálico que antecede à fricativa exerce grande influência no processo de palatalização e, sendo assim, considera que vogais posteriores e frontais são favorecedoras do processo. Nas palavras de Brescancini (2002, p. 199) “tanto o movimento de elevação da lâmina da língua em direção ao palato duro quanto o conseqüente movimento de retração sofrido pelo corpo da língua são importantes para o processo”.

Por outro lado, Macedo (2004), ao analisar os dados da comunidade lingüística de Recife-PE, verificou que o contexto vocálico precedente à fricativa não tem relevância para o processo, defendendo, assim, que a palatalização ocorre independentemente do elemento que antecede à fricativa.

Em nosso estudo, analisaremos, portanto, as vogais precedentes à fricativa de acordo com a Teoria Unificada dos Traços para Vogais e Consoantes, proposta por (CLEMENTS, 1991; CLEMENTS & HUME, 1995). Temos, então, como fatores componentes desta variável:

- Vogais coronais [i, e, ε, j]      l[i]sta, b[e]steira, [ε]scola, arro[j]s
- Vogais labiais [u, o, ɔ, w]      ônib[u]s, [o]stentar, [ɔ]spedar, De[w]s
- Vogal dorsal [a]                      g[a]stou

Considerando, então, estes possíveis contextos precedentes, partiremos da hipótese de que, se alguma vogal for mesmo favorecedora do processo de palatalização, serão as vogais coronais, à medida que compartilham o mesmo traço de cavidade (coronal) com o arquifonema /S/.

### 5.2.2.3 Status do Contexto Fonológico Precedente

Outra variável que foi considerada em nossa pesquisa foi a do *Status do Contexto Fonológico Precedente*. Tal restrição foi considerada, a fim de identificar se algum processo fonológico ocorrido anteriormente com o contexto precedente à fricativa teria alguma relevância para o processo de palatalização.

Seguindo a proposta de Brescancini (2002), consideramos, portanto as seguintes possibilidades:

|                                  |                     |
|----------------------------------|---------------------|
| • /e/ → [i]                      | [i]scola            |
| • Epêntese de [i]                | sub[i]stituir       |
| • /o/ → [u]                      | ócul[u]s            |
| • [o] → [w]                      | navi[w]s            |
| • Monotongação                   | dep[o]s             |
| • Ditongação                     | trê[j]s             |
| • Ditongo oral terminado em [j]  | depo[y]s            |
| • Ditongo nasal terminado em [j] | home[j]s            |
| • Ditongo nasal terminado em [w] | irmã[w]s            |
| • Não derivado <sup>13</sup>     | li[s]ta, be[s]teira |
| • Elisão                         | cois[i]stupida      |
| • Degeminação                    | n[o]spital          |
| • Ditongação de Sândi externo    | pr[aj]screver       |
| • Não se aplica <sup>14</sup>    | asfalto             |

Apesar de a variável em questão não estar diretamente ligada a nenhuma hipótese específica, como afirma Scherre (1992, *apud* Brescancini, 2002), sua análise justifica-se à medida que permite ao pesquisador dar um tratamento mais detalhado aos dados em estudo, possibilitando detectar se uma ditongação, por exemplo, é favorecedora ou não de uma das variantes.

#### 5.2.2.4 Contexto Fonológico Seguinte

Em seu estudo sobre a palatalização na comunidade lingüística de Recife-PE, Macedo (2004) assume a supremacia do fenômeno de palatalização da fricativa coronal anterior em posição de coda. Com base em seus resultados, a autora defende que nem o contexto fonológico precedente, nem o seguinte exercem qualquer influência para a aplicação

<sup>13</sup> Possibilidade em que não há alteração fonética de /e/ e /i/.

<sup>14</sup> Quando não é possível acontecer nenhum processo fonológico.

deste processo e que, por isso, a palatalização ocorre independentemente dos contextos fonológicos que cercam a fricativa.

Porém, como explicitamos anteriormente<sup>15</sup>, ao compararmos o processo de palatalização de /S/ com o fenômeno da ressilabificação, percebemos que o contexto fonológico seguinte é o responsável pela ocorrência de um ou outro fenômeno, fato este que justifica incluirmos tal variável em nossa análise.

Assim, como bem verificou Bhat (1978), ao analisar 120 línguas distintas, a palatalização da fricativa coronal seria favorecida quando no contexto fonológico seguinte houvesse uma consoante também coronal ou uma labial.

Quando, porém, seguindo a fricativa, houvesse um elemento vocálico, a tendência seria que o falante produzisse a fricativa em sua forma alveolar vozeada, ocorrendo, pois, o fenômeno da ressilabificação, e a fricativa que antes ocupava a coda, passaria à *onset* da nova sílaba. (MACEDO, 2004)

Considerando novamente a Teoria Unificada dos Traços para Vogais e Consoantes, proposta por Clements (1991) e Clements & Hume (1995), a variável ‘contexto seguinte’ é composta pelos seguintes fatores:

- |   |   |
|---|---|
| • Vogais coronais [i, e, ε, j]                      | mais [i]sso   |
| • Vogais labiais [u, o, ɔ, w]                       | depois [ɔ]lha   |
| • Vogal dorsal [a]                                  | mais [a]parece  |
| • Consoantes coronais [t, d, n, s, z, l, r, tə, dŋ] | es[t]ado, mais [d]ava,<br>dois [n]esse, depois [s]ai,<br>três [z]ebras, mais [l]ivre, |
| • Consoantes labiais [p, b, f, v, m]                | es[p]osa, depois [b]ebe,<br>as[f]alto, menos [v]em,<br>mes[m]o                        |
| • Consoantes dorsais [k, g, x]                      | es[c]olher, três [g]atos,<br>mais [r]ico  |
| • Pausa   | depois.   |

---

<sup>15</sup> Ver Capítulo 2, seção 2.1.

Importante dizermos que o agrupamento dos fonemas de acordo com os traços distintivos semelhantes foi uma escolha dos pesquisadores, em uma tentativa de analisar em conjunto os fonemas que possuem as mesmas características, reduzindo, dessa forma, os símbolos utilizados na codificação dos dados.

#### 5.2.2.5 Traço [voz] do contexto seguinte

Partindo, pois, do pressuposto de que o contexto fonológico seguinte terá papel importante para a configuração da palatalização de /S/, é relevante investigarmos o traço [voz] do elemento posterior à fricativa, para verificarmos se a semelhança de traços favorecerá o fenômeno.

Classificamos, pois, o elemento imediatamente posterior à fricativa em três grupos:

- Elementos vozeados [b, d, g, ʒ, l, m, n, r, v, z, dʒ] e vogais
- Elementos desvozeados [p, t, k, ʃ, h, f, s, tʃ]
- Ausência de elemento Pausa

Estudos anteriores mostraram que, quando o elemento seguinte à fricativa possui o traço [-voz], a tendência é ocorrer uma das formas palatalizadas, pois “consoantes palatalizadas compartilham com as palatais a qualidade de uma articulação com mais energia, apesar de a disposição articulatória diferente”. (BRESCANCINI, 2002, p. 204)

Seguindo a visão de Macedo (2004), consideramos que, quando seguida por uma pausa, a fricativa tende a se manifestar em sua forma palato-alveolar, uma vez que o fenômeno de palatalização seria predominante em relação às outras possibilidades de realização de /S/.

#### 5.2.2.6 Posição da Fricativa em relação à sílaba tônica da palavra

Ao analisarmos os estudos anteriores sobre a palatalização de /S/ no Português brasileiro, vemos que a tonicidade da palavra nem sempre é considerada como variável relevante para o fenômeno. Por esse motivo, optamos por investigá-la, a fim de



fenômeno em questão. Para tanto, em nível morfológico, analisamos a função morfológica de /S/.

Como Brescancini (1996), em nosso estudo, optamos por analisar apenas os casos de -s não morfêmico, uma vez que seria difícil identificar a motivação do comportamento de /S/. Por exemplo, como saber se a presença de um zero fonético é motivada por apagamento do segmento ou por falta de concordância?

Considerando, então, que nossos dados referem-se apenas às ocorrências de /S/ não-morfêmico, classificamos a fricativa em três grupos:

- Radical escrever
- Sufixo desenhista
- Prefixo desmatar

Ao investigarmos a função morfológica de /S/, buscamos, portanto, identificar se uma variante é mais recorrente em determinado domínio que outro.

Feitas essas considerações, passamos a descrever e analisar os dados de nossa pesquisa.

## 6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

---

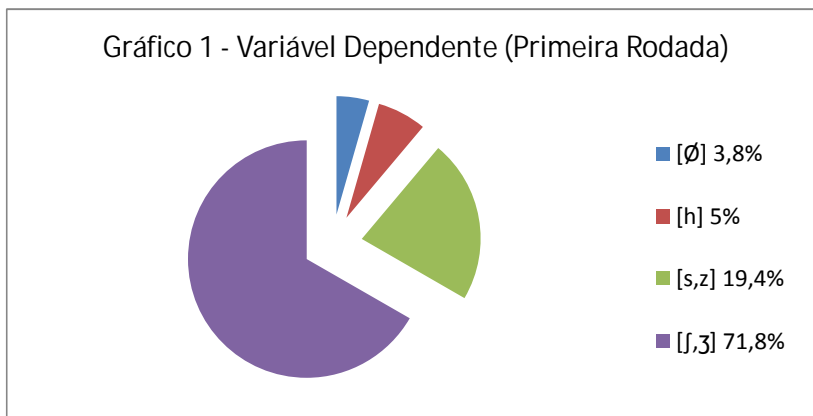
Neste capítulo, apresentaremos os resultados da pesquisa, os quais foram obtidos a partir da análise dos dados fornecidos pelos informantes do *corpus*.

Na análise inicial, consideramos três restrições sociais – sexo, faixa etária e anos de escolarização – e seis lingüísticas – posição da fricativa na palavra, contexto fonológico precedente, status do contexto fonológico precedente, contexto seguinte, traço [voz] do contexto seguinte, posição da fricativa em relação à sílaba tônica da palavra e função morfológica da fricativa.

Observando que o /S/ pode ser realizado de quatro maneiras distintas e, por isso, consideramos quatro variantes: zero fonético [Ø]; fricativas alveolares [s,z]; fricativas palato-alveolares [ʃ,ʒ]; e fricativa glotal [h].

Como explicado anteriormente, o status das variantes na comunidade local não foi questão investigada nesse estudo. Portanto, a escolha das variáveis palato-alveolares [ʃ,ʒ] corresponde a uma regra tão somente de análise, estabelecida por questão metodológica.

O Gráfico 1 mostra os resultados obtidos na primeira rodada dos dados:



Podemos ver, então, que, em um total de 2.443 ocorrências, tivemos 92 para o zero fonético (3,8%), 123 para a variante glotal (5%), 473 para as variantes alveolares (19,4%) e 1755 para variantes palato-alveolares (71,8%). Alguns exemplos estão listados a seguir:

- Zero fonético: (0mj1d115vpr (desviarem))

- [h]: (3mj1d1d5vtr (mesmo))
- [s]: (1mj1d1d4dtr (pedestres))
- [z]: (1mj1d1d4vtr (desde))
- [ɐ]: (2mj1d116der (escola))
- [ŋ]: (2mj1c3o4vtr (atras do))

Diante de tais resultados, optamos por realizar uma segunda análise, observando dessa vez apenas as realizações alveolares em detrimento às palato-alveolares. Decidimos desconsiderar as outras formas de realização por estarem presentes em quantidades mínimas e, por isso, desprezíveis ao atual estudo.

Outros aspectos também nos influenciaram a fazer uma segunda rodada dos dados, modificando o tratamento de algumas variantes e variáveis. Vejamos:

- a) Dentro da variável Status do Contexto Fonológico Precedente, por exemplo, só foram consideradas seis variantes dentre as quatorze propostas inicialmente.
- b) Na variável Contexto Fonológico Seguinte, todas as vogais foram amalgamadas em um único grupo, pois apresentaram na primeira análise o mesmo comportamento.
- c) Quanto à variável posição da fricativa em relação à sílaba tônica, percebemos que a diferença só existia quando o /S/ estava localizado antes da sílaba tônica, na própria sílaba tônica ou após esta, independentemente de quantas sílabas o separava da tônica. Por isso, analisamos essa variável em três variantes, reunindo as pré-pretônicas e pretônicas em um grupo, as postônicas e pós-postônicas em outro e mantendo o grupo das tônicas.
- d) A variável Função Morfológica da Fricativa foi desprezada na segunda análise, devido ao reduzido número de ocorrências de /S/ como afixo nos dados coletados.

Feitas essas considerações, discutiremos agora os resultados obtidos na segunda rodada dos dados.

O programa GOLDVARB 3.0 informou que os dados coletados correspondiam a um total de 2.228 ocorrências, sendo 473 de produções alveolares e 1.755 de palato-alveolares, como descrito na Tabela 5.

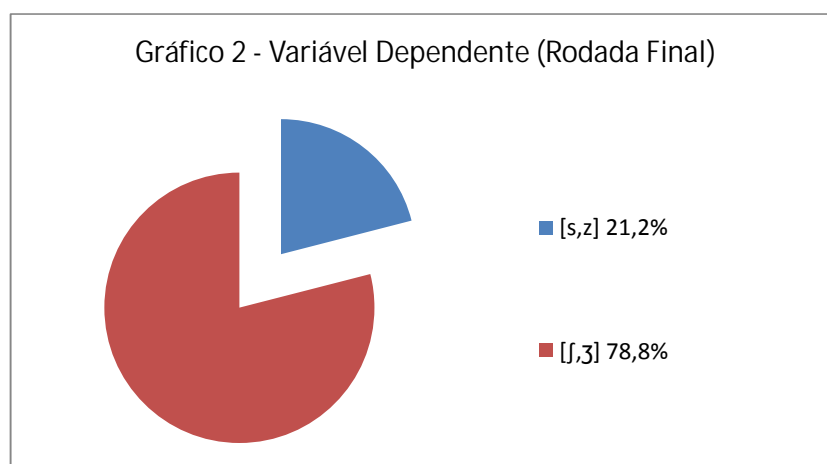
Tabela 5 - Frequência total das variantes relacionadas à variável dependente

| VARIANTE                | APLICAÇÃO / TOTAL | FREQUÊNCIA |
|-------------------------|-------------------|------------|
| Alveolares [s,z]        | 473 / 2228        | 21,2%      |
| Palato-alveolares [ʃ,ʒ] | 1755 / 2228       | 78,8%      |

Segue abaixo alguns exemplos retirados do *corpus*:

- Realização palato-alveolar: (2fi2i11##or (Guedes))  
(2fi2d1d5dts (especialista))
- Realização alveolar: (1fi2a173vtr (dois anos))  
(1fi1c164dar (nós se))

Os resultados confirmam a hipótese de que a palatalização da fricativa coronal anterior é, sim, um fenômeno recorrente no falar dos macapaenses. Mesmo coexistindo com as formas alveolares, as realizações palato-alveolares sobrepõem-se, confirmando que esta é uma variante praticamente categórica para aquela comunidade lingüística (Gráfico 2).



Em relação aos fatores condicionantes para a produção de formas palato-alveolares, o programa computacional selecionou quatro variáveis, de acordo com a seguinte ordem de relevância: *Posição da Fricativa na Palavra*, *Contexto Fonológico Seguinte*, *Faixa Etária* e *Contexto Fonológico Precedente*, como vemos na Tabela 6.

Tabela 6 - Fatores selecionados para aplicação da regra de palatalização

| <b>FATOR</b>                              | <b>APLIC./TOTAL</b> | <b>FREQÜÊNCIA</b> | <b>PR</b> |
|---|---------------------|-------------------|-----------|
| <b>1º POSIÇÃO DA FRICATIVA NA PALAVRA</b> |                     |                   |           |
| Coda Medial                               | 1185 / 1218         | 97,3%             | 0.76      |
| Coda final absoluta                       | 127 / 138           | 92%               | 0.51      |
| Coda final seguida de consoante           | 404 / 509           | 79%               | 0.26      |
| Coda final seguida de vogal               | 41 / 363            | 11,3%             | 0.08      |
| <b>2º CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE</b>    |                     |                   |           |
| Consoantes dorsais                        | 299 / 321           | 93,1%             | 0.71      |
| Consoantes coronais                       | 957 / 1030          | 92,9%             | 0.60      |
| Pausa                                     | 130 / 142           | 91%               | 0.60      |
| Consoantes labiais                        | 333 / 376           | 88,6%             | 0.54      |
| Vogais                                    | 36 / 359            | 10%               | 0.16      |
| <b>3º FAIXA ETÁRIA</b>                    |                     |                   |           |
| Grupo 1 (15 a 26 anos)                    | 959 / 1195          | 81,9%             | 0.61      |
| Grupo 2 (mais de 49 anos)                 | 776 / 1033          | 75,1%             | 0.37      |
| <b>4º CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE</b>  |                     |                   |           |
| Vogais labiais                            | 282 / 322           | 87,6%             | 0.63      |
| Vogal dorsal                              | 114 / 143           | 79,7%             | 0.52      |
| Vogais coronais                           | 1359 / 1763         | 77.1%             | 0.47      |

Na seguinte seção passaremos a analisar todas as variáveis analisadas, considerando primeiro as relevantes, ou seja, as selecionadas pelo GOLDVARB 3.0, e depois as demais. Explicaremos, assim, a relação de cada variável para o fenômeno em estudo, investigando o porquê de apenas quatro terem sido selecionadas pelo programa como relevantes para a produção palato-alveolar de /S/.

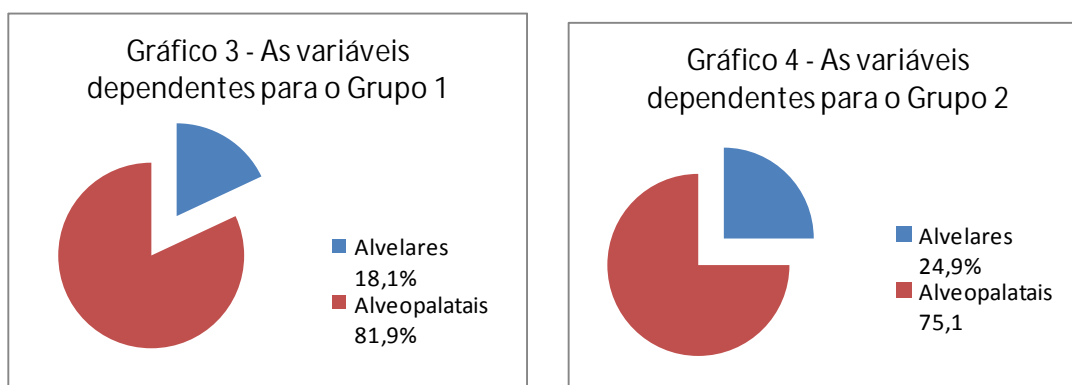
## 6.1 Variáveis Seleccionadas

### 6.1.1 Variável Social

#### 6.1.1.1 Faixa etária

O programa GOLDVARB 3.0 seleccionou apenas uma variável social como sendo condicionante para a realização alveolar de /S/, a Faixa Etária. Esta variável foi apontada como a terceira mais relevante ao fenómeno de não-palatalização de /S/.

Numa primeira análise, considerando apenas os resultados percentuais, podemos inferir que tanto os falantes do primeiro grupo, como os do segundo, apresentam comportamento lingüístico semelhante, o que indicaria uma mudança estável (Gráficos 3 e 4).



Contudo, ao investigarmos os pesos relativos fornecidos pelo programa, vemos que, apesar da elevada frequência em ambos os grupos etários, são os falantes pertencentes ao primeiro grupo, ou seja, os falantes mais jovens, os que tendem a favorecer a realização palato-alveolar (PR 0.61). Por outro lado, os falantes mais idosos inibem esta produção (PR 0.37), conforme Tabela 7.

Tabela 7 - Faixa Etária x Aplicação da regra de Palatalização

|                           | APLIC./TOTAL | FREQÜÊNCIA | PR   |
|---------------------------|--------------|------------|------|
| Grupo 1 (15 a 26 anos)    | 979 / 1195   | 81,9%      | 0.61 |
| Grupo 2 (mais de 49 anos) | 776 / 1033   | 75,1%      | 0.37 |

Tal constatação nos faz confirmar nossa hipótese de que os falantes mais jovens de uma comunidade lingüística tendem a fazer uso da variedade mais inovadora, que, no nosso estudo, foi a palatalização de /S/.

Outra conclusão que podemos tirar é que, se os falantes mais idosos tendem a inibir as produções palato-alveolares da fricativa coronal anterior, não palatalizando, enquanto os mais jovens favorecem essa produção, pode ser que as formas palato-alveolares venham a suprimir as demais variantes com o tempo, indicando, pois, uma mudança em progresso em direção ao fenômeno da palatalização.

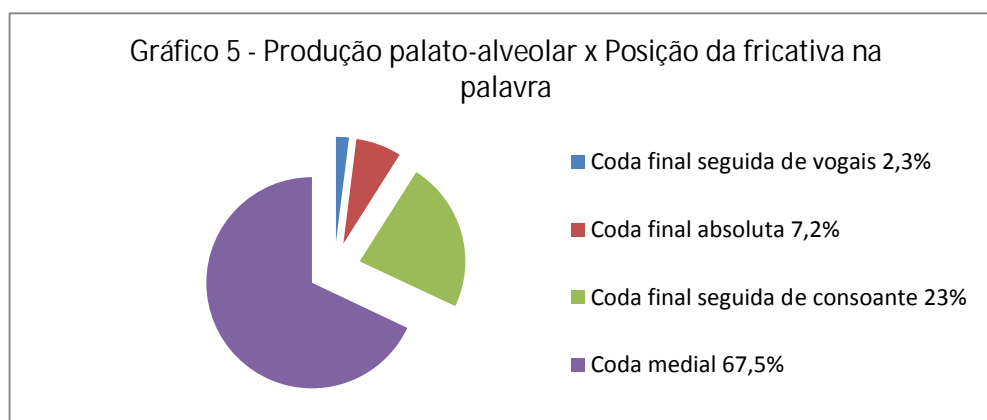
Assim, nossos resultados corroboram que as mudanças lingüísticas são introduzidas na sociedade pelos falantes mais jovens, os quais sobrevivem aos mais velhos, inovando o repertório lingüístico de sua comunidade.

### 6.1.2 Variáveis Lingüísticas

Em relação às restrições lingüísticas, percebemos que o programa selecionou três das sete analisadas, as quais serão discutidas nas próximas linhas.

#### 6.1.2.1 Posição da fricativa na palavra

A primeira variável selecionada pelo programa foi a Posição da fricativa na palavra, conforme visto na Tabela 6. O número de ocorrências de cada variante está representado no Gráfico 5.



Os valores percentuais das variáveis são corroborados pelos respectivos pesos relativos, como se vê na Tabela 8.

Tabela 8 - Posição da Fricativa na palavra

|                                 | <b>APLIC./TOTAL</b> | <b>FREQÜÊNCIA</b> | <b>PR</b> |
|---------------------------------|---------------------|-------------------|-----------|
| Coda Medial                     | 1185 / 1218         | 97,3%             | 0.76      |
| Coda final absoluta             | 127 / 138           | 92%               | 0.51      |
| Coda final seguida de consoante | 404 / 509           | 79%               | 0.26      |
| Coda final seguida de vogal     | 41 / 363            | 11,3%             | 0.08      |

Vejamos alguns exemplos para essas variáveis:

- Coda medial: (2mj2d3o4dur (ba<sub>s</sub>tante))
- Coda final absoluta: (2mj2l17##ar (sei<sub>s</sub>))
- Coda final seguida de consoante: (2mj2c114vor (ante<sub>s</sub> no))
- Coda final seguida de vogal: (1mj2a162vtr (tre<sub>s</sub> ou))

Conforme as hipóteses, quando a fricativa encontra-se em codas mediais e codas finais absolutas, há uma forte inibição das produções alveolares, favorecendo, portanto, a palatalização de /S/.

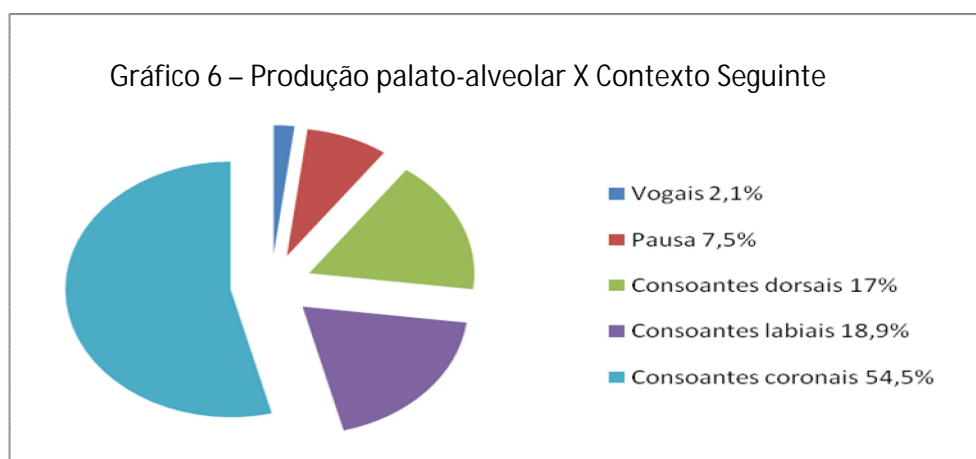
Por outro lado, ao analisarmos as codas finais seguidas por contexto vocálico, ou mesmo, consonantal, vemos uma tendência à realização alveolar da fricativa. No caso da coda seguida por vogais, percebemos que o processo de palatalização é substituído pelo processo de ressilabificação, que faz com que a fricativa passe a ocupar a posição de *onset* de uma nova sílaba que forma com a vogal que a segue.

#### 6.1.2.2 Contexto fonológico seguinte

A variável Contexto Fonológico Seguinte foi a segunda selecionada pelo programa GOLDVARB 3.0 como influenciadora do processo de palatalização em estudo (Tabela 6). As variantes analisadas foram:

- Vogais: (1mj2a163var (dez anos))
- Pausa: (2mj2l17##tr (depois.))
- Consoantes dorsais: (2mj2d116vpr (esgotado))
- Consoantes labiais: (2mj2d3o5der (asfalto))
- Consoantes coronais: (1mj2c164vtr (Jesus de))

O elevado número de ocorrências da forma palato-alveolar quando precedida de uma consoante coronal prova que há sim o compartilhamento deste traço de cavidade entre a fricativa e a consoante que a segue (Gráfico 6).



Os resultados demonstrados no Gráfico 6 são confirmados pelos pesos relativos das variantes, como revela a Tabela 9.

Tabela 9 - Contexto Fonológico Seguinte x Aplicação da regra de Palatalização

|                     | <b>APLIC./TOTAL</b> | <b>FREQÜÊNCIA</b> | <b>PR</b> |
|---------------------|---------------------|-------------------|-----------|
| Consoantes dorsais  | 299 / 321           | 93,1%             | 0.71      |
| Consoantes coronais | 957 / 1030          | 92,9%             | 0.60      |
| Pausa               | 130 / 142           | 91%               | 0.60      |
| Consoantes labiais  | 333 / 376           | 88,6%             | 0.54      |
| Vogais              | 36 / 359            | 10%               | 0.16      |

Analisando as informações da Tabela 9, podemos inferir que, enquanto as vogais constituem o único contexto inibidor da realização palato-alveolar, todos os demais contextos favorecem ao aparecimento de tal variante, abrindo espaço, pois, para o predomínio das formas palato-alveolares, corroborando, então, a hipótese inicialmente levantada sobre esta variável.

O fato de as vogais inibirem a regra de palatalização pode ser devido ao processo de ressilabificação que ocorre nestes casos. Assim, para a produção de uma alveolar, a fricativa adquire o traço [voz] da vogal que a acompanha, dando origem a uma nova sílaba do padrão CV, em que a posição de *Onset* da sílaba é ocupada pela fricativa e o *pico* é preenchido pela vogal que a segue.

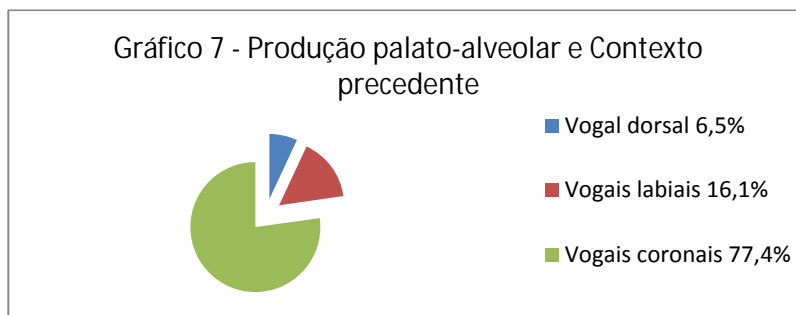
### 6.1.2.3 Contexto fonológico precedente

Entre todas as variáveis, o Contexto Fonológico Precedente foi uma das quatro selecionadas pelo programa (Cf. Tabela 6, p.49), mostrando a sua relevância para o processo de palatalização da fricativa coronal anterior.

Como nos dados o número de ocorrências de contextos fonológicos consonantais precedendo à fricativa foi irrelevante, nesta pesquisa optamos por investigar apenas os contextos vocálicos, quais sejam:

- Vogal dorsal: (2mi2c3o4der (apenas tres))
- Vogais labiais: (1mi2l2o##or (onibus))
- Vogais coronais: (2mi2d116der (escrita))

Conforme demonstrado no Gráfico 7, a realização palato-alveolar é predominante quando a fricativa está diante de vogais coronais, isto é, diante de [e, ε, i].



Porém, analisando o peso relativo para os contextos fonológicos precedentes, deparamo-nos com um resultado surpreendente: todas as vogais possuem peso relativo próximo ao ponto neutro (Tabela 10).

Tabela 10 - Contexto Fonológico Precedente x Aplicação da regra de Palatalização

|                 | APLIC./TOTAL | FREQÜÊNCIA | PR   |
|-----------------|--------------|------------|------|
| Vogais labiais  | 282 / 322    | 87,6%      | 0.63 |
| Vogal dorsal    | 114 / 143    | 79,7%      | 0.52 |
| Vogais coronais | 1359 / 1763  | 77.1%      | 0.47 |

Os resultados mostram que as vogais que mais se distanciam do ponto neutro são as labiais (diferença de 13 pontos), o que poderia justificar o favorecimento da palatalização na presença destes elementos.

Por outro lado, defendíamos que o traço de cavidade coronal, quando presente ao redor da fricativa, antes e/ou depois, seria fato favorecedor da palatalização de /S/. Entretanto, com peso relativo de 0.47, vemos que neste ambiente, há um comportamento neutro, não sendo possível determinar nem o favorecimento, nem a inibição da palatalização.

Na verdade, toda a informação sobre pesos relativos reflete um comportamento quase que neutro sobre as vogais em contexto precedente à fricativa. Fato este que denota uma grande surpresa pela seleção desta variável como condicionante à aplicação da regra de palatalização. Certamente um estudo mais detalhado sobre essas variantes merece atenção numa futura pesquisa.

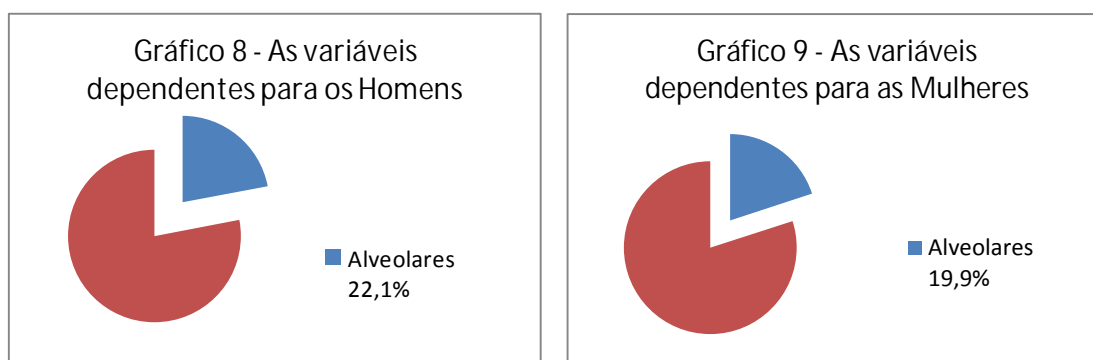
## 6.2 Variáveis não Selecionadas

Entre as sete variáveis controladas, o programa considerou como relevante apenas três. Mesmo assim, julgamos válido apresentar todos os resultados obtidos, independentemente do caráter de relevância dado à variável. Apresentamos primeiro as variáveis sociais não selecionadas e depois as lingüísticas.

### 6.2.1 Variáveis sociais

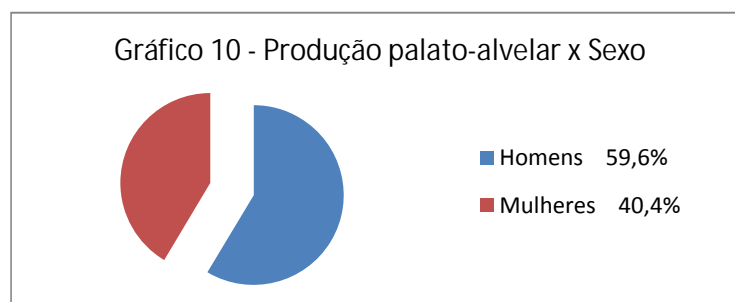
### 6.2.1.1 Sexo

Em relação à restrição Sexo, a literatura sociolingüística defende que as mulheres tendem a seguir mais a norma culta da língua. Mas, por outro lado, também são as mulheres as mais inovadoras. Apesar dessa tendência feminina da inovação, nem sempre isso ocorre exclusivamente a partir delas. Para o fenômeno em análise, por exemplo, os dados mostram que tanto as mulheres como os homens estão inovando, utilizando as variantes palato-alveolares muito mais do que as alveolares (Gráficos 8 e 9).



Na análise estatística dos dados, percebemos que as mulheres são realmente as que tendem a usar mais as formas novas da língua, produzindo, assim, mais formas palato-alveolares que alveolares: 80% dos dados refletem formas palatalizadas destas (Gráfico 9).

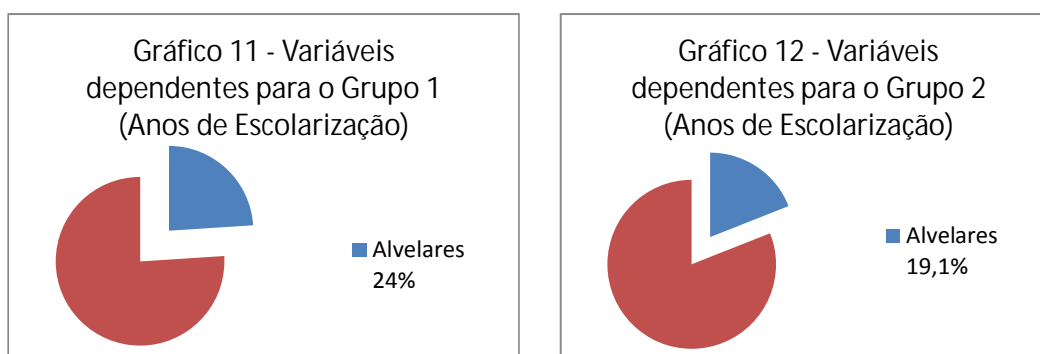
Comparando agora a produção das palato-alveolares entre os informantes dos sexos feminino e masculino (Gráfico 10), vemos que os as mulheres palatalizam a fricativa tanto quando os homens (40,4% e 59,6% respectivamente) e que isso, talvez, mostre porque a variável Sexo não foi selecionada pelo programa como condicionante do processo.



Tal fato pode ser confirmado ainda pelo peso relativo fornecido: enquanto as produções palato-alveolares possuem PR 0.49 para as mulheres, elas mostram PR 0.52 para os homens, constatando uma posição neutra, que nem favorece e nem inibe a realização alveolar de /S/.

#### 6.2.1.2 Anos de Escolarização

Em relação aos anos de escolarização, no presente estudo, consideramos apenas duas classes: até quatro anos de escolarização (Grupo 1) e mais de nove anos de escolarização (Grupo 2), como vemos nos Gráficos 11 e 12.



De acordo com os Gráficos 11 e 12, verificamos que a variável *Anos de Escolarização* não é fator determinante para a palatalização ou não de /S/, visto que os informantes apresentam comportamento linguístico semelhante, independentemente dos anos que foram passados na escola.

Vejamos agora os dados da Tabela 11:

Tabela 11 - Anos de Escolarização x Aplicação da regra de não-palatalização

|                          | APLIC./TOTAL | FREQÜÊNCIA | PR   |
|--------------------------|--------------|------------|------|
| Grupo 1 (até 4 anos)     | 746 / 981    | 76%        | 0.46 |
| Grupo 2 (mais de 9 anos) | 1009 / 1247  | 80,9%      | 0.53 |

Apesar de uma diferença mínima, ao contrário do que pensávamos, os macapaenses que possuem mais anos de estudos são os que mais palatalizam a fricativa coronal, refutando o que a literatura defende de que quanto mais anos de escolaridade, maior a tendência de aplicação da norma culta da língua, que em nosso estudo seria a realização

alveolar. Esse resultado talvez reflita a não atribuição de status às variantes de /S/. Ou ainda que, apesar de termos assumido a produção alveolar como norma, uma vez que é esta a prevista nos manuais da língua, a comunidade local pode ter adotado a forma palato-alveolar como forma padrão, contrariando as previsões dos manuais. O que é certo é que, até o presente momento, não temos dados suficientes para determinar se tais formas refletem ou não a norma culta da língua.

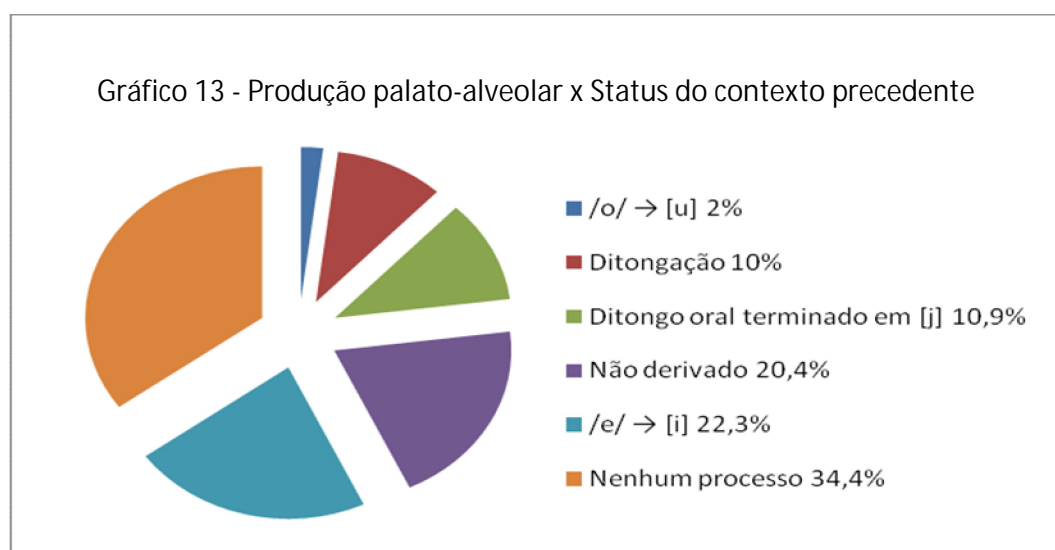
As informações da Tabela 11 também nos revelam pesos relativos muito próximos ao ponto de equilíbrio, o que pode explicar a não relevância dessa variável para a análise do fenômeno.

## 6.2.2 Variáveis lingüísticas

### 6.2.2.1 Status do contexto fonológico precedente

De acordo com a análise do GOLDVARB 3.0, o status do contexto fonológico precedente não tem relevância para a escolha de uma ou outra variante da fricativa coronal anterior em posição de coda.

Conforme demonstrado no Gráfico 13, a maior parte dos dados coletados mostra que nenhum processo fonológico antecede a palatalização de /S/. Porém, quando esta é antecidida por algum fenômeno, é pelo processo de elevação da vogal média anterior.



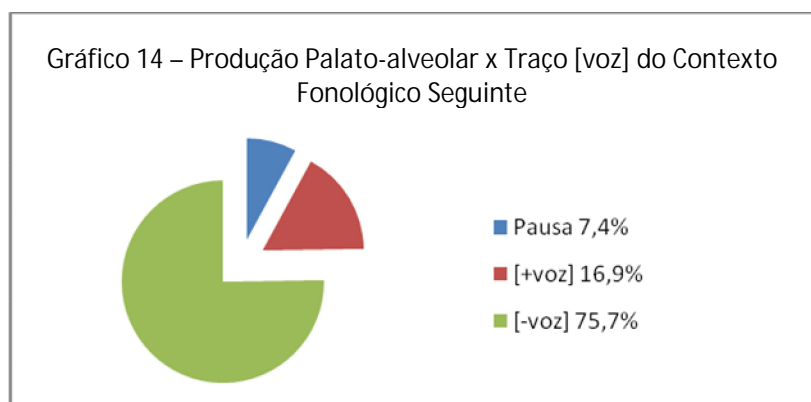
Os resultados revelam ainda que a ditongação (PR 0.13), os ditongos orais terminados em [j] (PR 0.20) e a elevação da vogal média posterior (PR 0.23) são fortes inibidores da realização palato-alveolar, encontrando-se os demais processos como favorecedores dessa variante, sobretudo o processo de elevação da vogal média anterior e os processos não derivados, como se vê na Tabela 12.

Tabela 12 - Status do Contexto Fonológico Precedente x Aplicação da regra de não-palatalização

|                               | <b>APLIC./TOTAL</b> | <b>FREQÜÊNCIA</b> | <b>PR</b> |
|-------------------------------|---------------------|-------------------|-----------|
| Ditongação                    | 176 / 379           | 46,4%             | 0.13      |
| Ditongo oral terminado em [j] | 191 / 327           | 58,4%             | 0.20      |
| /o/ → [u]                     | 34 / 54             | 63%               | 0.23      |
| Nenhum processo               | 51 / 409            | 87,5%             | 0.56      |
| Não derivado                  | 604 / 644           | 93,8%             | 0.73      |
| /e/ → [i]                     | 392 / 415           | 94,5%             | 0.75      |

#### 6.2.2.2 Traço [voz] do contexto fonológico seguinte

De início, acreditamos que considerar a característica de vozeamento do contexto fonológico seguinte seria de fundamental importância, à medida que este traço é incorporado pela fricativa durante o processo de palatalização (Gráfico 14).



Apesar dos resultados mostrarem que contextos fonológicos vozeados inibem fortemente a palatalização de /S/, o programa não selecionou tal variável como relevante para o fenômeno.

Tabela 13 - Traço [voz ] do Contexto Fonológico Seguinte x Aplicação da regra de palatalização

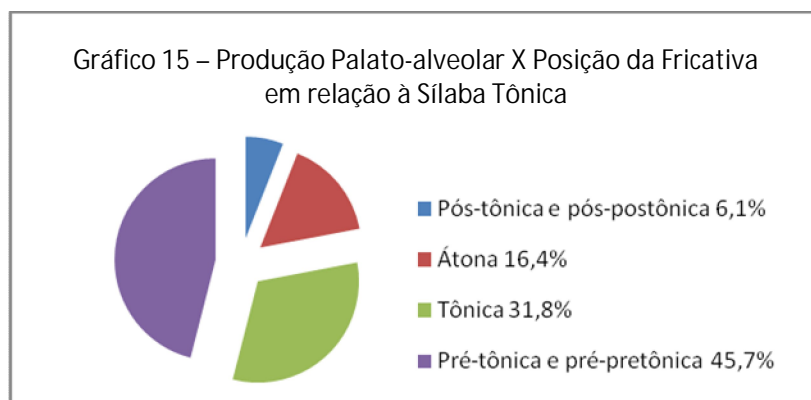
|        | <b>APLIC./TOTAL</b> | <b>FREQÜÊNCIA</b> | <b>PR</b> |
|--------|---------------------|-------------------|-----------|
| [-voz] | 1329/ 1415          | 93,9%             | 0.71      |
| Pausa  | 130 / 142           | 91,5%             | 0.63      |
| [+voz] | 296 / 671           | 44,1%             | 0.11      |

Percebemos, então, que a produção de formas palato-alveolares é favorecida quando a fricativa antecede contextos desvozeados, ou mesmo quando não há fonema algum (Tabela 13). Por outro lado, tal variante é inibida em contextos mais vozeados.

#### 6.2.2.3 Posição da fricativa em relação à sílaba tônica da palavra

A última variável que discutimos é também referente à posição da fricativa na palavra, mas esta vista em relação à sílaba tônica. Em outras palavras, investigando esta variável, buscamos detectar se, por ocupar uma sílaba pré-tônica, tônica, pós-tônica (em qualquer nível que fosse) ou ainda por estar em uma palavra sem acento, a palatalização da fricativa seria condicionada de alguma maneira.

O Gráfico 15 traz os resultados percentuais para a ocorrência das formas palato-alveolares, de acordo com sua posição em relação à sílaba tônica.



A observação dos dados apresentados acima indica que há maior ocorrência de palatalização quando a fricativa encontra-se até a posição tônica. Ou seja, a sílaba tônica funciona como um limite para o processo de palatalização, pois após tal sílaba, poucos são os casos de produções palato-alveolares.

Comparando agora os resultados percentuais com os devidos pesos relativos, vemos que as sílabas tônicas, com PR neutro, são mesmo o ponto limite da palatalização (Tabela 14). Todas as demais posições são inibidoras das formas palato-alveolares.

Tabela 14 - Posição da fricativa em relação à sílaba tônica da palavra  
x Aplicação da palatalização

|                    | <b>APLIC./TOTAL</b> | <b>FREQÜÊNCIA</b> | <b>PR</b> |
|--------------------|---------------------|-------------------|-----------|
| Palavra sem acento | 288 / 545           | 52,8%             | 0.14      |
| Postônicas         | 107/ 164            | 65,2%             | 0.35      |
| Tônica             | 558 / 694           | 80,4%             | 0.50      |
| Pretônicas         | 802 / 825           | 97,2%             | 0.82      |

Apesar de esta variável ter sido descartada pelo programa, as indicações dos pesos relativos mostram uma forte tendência de as fricativas em posição pretônicas serem palatalizadas (PR 0.82), em contraposição às demais variantes que favorecem a realização alveolar, como revela a Tabela 14.

Após esta descrição e análise quantitativa dos dados, passaremos a estabelecer comparações dos nossos resultados com aqueles obtidos em outros estudos sobre a palatalização do /S/.

### **6.3 Comparação com Outros Estudos**

Na presente seção, apresentamos os resultados obtidos nas pesquisas sobre a palatalização de /S/ para Florianópolis-SC e Recife-PE, desenvolvidas respectivamente por Brescancini (2002) e Macedo (2004), tomando um enfoque comparativo em relação aos nossos resultados para a análise do mesmo fenômeno na cidade de Macapá-AP.

Inicialmente, devemos observar que, ao compararmos os resultados globais dos três estudos, percebemos que, em todas as cidades pesquisadas, o fenômeno em análise é recorrente (Tabela 15).

Tabela 15 – A produção palato-alveolar de /S/ em diferentes comunidades lingüísticas

|                  | <b>APLIC./TOTAL</b> | <b>FREQÜÊNCIA</b> |
|------------------|---------------------|-------------------|
| Recife-PE        | 2980 / 3911         | 76%               |
| Macapá-AP        | 1755 / 2228         | 78,8%             |
| Florianópolis-SC | 20701 / 24941       | 83%               |

Assim, as formas palato-alveolares superam a ocorrência das alveolares, corroborando a validade e aceitação de tal variedade de /S/ pela comunidade lingüística local de cada região em questão.

Em relação aos fatores selecionados como condicionantes do processo de palatalização, verificamos que não há semelhança entre os três estudos. Vejamos, pois, os resultados para as variáveis sociais.

As três pesquisas revelaram que as características sociais dos falantes não têm muita relevância para o fenômeno da palatalização de /S/. Em cada uma, um fator social diferente foi selecionado como influenciador do processo, embora numa hierarquia baixa. Na investigação de Brescancini (2002), por exemplo, a variável *Região*<sup>16</sup> foi a que mais condicionou as realizações palato-alveolares da fricativa coronal anterior. Em Recife, esse favorecimento deu-se em relação à variável *Sexo* e no Amapá à *Faixa Etária*.

Nos resultados para Florianópolis, a variável *Gênero*<sup>17</sup> aponta um peso relativo de 0,43 para os homens e de 0,57 para as mulheres, indicando que, embora o índice de inibição para formas palato-alveolares seja pequeno, os homens tendem a palatalizar menos que as mulheres, confirmando o caráter inovador que as mulheres possuem na comunidade de fala a que pertencem, estando sempre a frente das formas novas. No estudo da comunidade de fala de Recife-PE, os pesos relativos foram mais significativos, pois enfatizaram bem o favorecimento da palatalização pelas mulheres (PR 0.75) e a inibição pelos homens (PR 0.29). Por outro lado, em nossa pesquisa, a variável *Sexo* não foi relevante ao fenômeno, à medida

<sup>16</sup> Esta variável não foi investigada nos demais estudos em análise.

<sup>17</sup> Como em nossa pesquisa, Brescancini (2002) utiliza o termo *Gênero* como sinônimo de *Sexo*, ou seja, investiga a influência do caráter biológico do informante sobre a sua fala. (Cf. BRESCANCINI, 2002, p. 207)

que mostrou um comportamento semelhante entre todos os indivíduos, homens e mulheres.

Ranqueadas em níveis diferentes, a variável Faixa Etária indicou fenômenos distintos entre os estudos. Nas conclusões de Brescancini (2002) e de Macedo (2004), os resultados desta variável apontam uma variação estável da variante palato-alveolar, pois os informantes mais jovens e os mais idosos apresentam comportamento lingüístico semelhante. Em contraposição, nossos dados revelaram uma mudança em progresso, indicada pela tendência de os jovens utilizarem mais a variante inovadora de que os mais idosos.

A análise da variável Anos de Escolarização, apenas controlada no atual estudo e em Brescancini (2002)<sup>18</sup>, demonstra que a palatalização ocorre independente do nível de escolarização que o falante possui. Em nossa investigação, os dados revelam que, talvez, na comunidade de fala de Macapá-AP, a variedade palato-alveolar seja concebida como uma variedade de prestígio, visto que é mais utilizada pela parcela mais escolarizada da sociedade. O mesmo acontece em Florianópolis-SC, onde os falantes de maior grau de instrução tendem a favorecer a palatalização de /S/.

Considerando agora as variáveis lingüísticas, estabeleceremos as comparações baseando-nos apenas aos fatores que foram selecionados em nossa pesquisa. A saber: *Posição da Fricativa na Palavra*, *Contexto Fonológico Seguinte* e *Contexto Fonológico Precedente*.

A primeira variável selecionada pelo GOLDFARB 3.0 em nossa pesquisa foi a *Posição da Fricativa na Palavra*. Brescancini (2002) e Macedo (2004), porém, não obtiveram exatamente os mesmo resultados. Em suas pesquisas, esta variável foi a última na hierarquia das relevantes para o processo. Apesar dessa divergência sobre a relevância da variável para o fenômeno, todos os dados revelaram que a fricativa em posição medial desponta como a variante mais favorecedora para a palatalização de /S/.

Partindo para a análise do *Contexto Fonológico Seguinte*, nossos dados diferem dos outros dois estudos. Naqueles, os ambientes compostos pelas consoantes coronais são os mais favorecedores da palatalização, apresentando ambos o peso relativo de 0.67. Já em nossa pesquisa, o ambiente de consoantes dorsais foi o fator mais influenciador, com PR 0.71, seguido pelas consoantes coronais e pela pausa (ambos com PR 0.60) e pelas consoantes labiais (PR 0.54). Assim, verificamos que apenas as vogais são as inibidoras da ocorrência da palatalização de /S/.

Segundo afirma Brescancini (2002, p. 249),

---

<sup>18</sup> Apesar de controlada nos dois estudos, não foi possível fazer uma comparação mais profunda, nem gráfica porque esta variável foi estratificada de maneira diferente nos dois estudos.

O papel indutor do contexto seguinte dorsal na produção da variante palato-alveolar em posição de coda evidencia a importância para o processo do movimento tanto de posteriorização quanto de elevação do corpo da língua por trás da constrição.

A autora defende, então, que os contextos posteriorizados facilitam mais a produção de palato-alveolares do que os contextos frontalizados, à medida que compartilham com as fricativas palato-alveolares o movimento de retração do corpo da língua

Por fim, estabelecendo a comparação entre os três estudos com referência ao *Contexto Fonológico Precedente*, verificamos comportamentos lingüísticos diferentes, mas com algumas nuances semelhantes, nas áreas pesquisadas. Tanto na pesquisa realizada em Florianópolis-SC, por Brescancini (2002), como em nossa pesquisa na cidade de Macapá-AP, esta variável foi apontada como sendo relevante para o processo, hierarquizada no nível 2 em nível 4, respectivamente. Assim, compartilhando os resultados obtidos para a comunidade florianopolitana, nossos dados também prevêm a vogal dorsal e as vogais labiais como indutoras da palatalização. Na investigação de Macedo (2004), contudo, tal variável não foi relevante para a produção das variantes palato-alveolares, indicando que a palatalização ocorre independentemente das características da vogal que precede a fricativa.

Após esta breve comparação entre os resultados obtidos na presente pesquisa e alguns estudos anteriores, consideramos válido passarmos às considerações finais sobre o comportamento lingüístico da fricativa coronal anterior em posição de coda apresentado pela comunidade de fala de Macapá-AP.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Baseando-nos na Sociolinguística Variacionista laboviana, buscamos apresentar neste estudo o comportamento lingüístico dos falantes de Macapá-AP em relação à fricativa coronal anterior em posição de coda, seja esta final ou medial. Nesse sentido, investigamos variáveis de cunho social e lingüístico que influenciam a produção deste fonema, ora como uma alveolar, ora como palato-alveolar.

Mesmo acreditando que a produção palato-alveolar de /S/ em codas silábicas é recorrente na linguagem da comunidade lingüística macapaense, nossa pesquisa foi guiada concebendo a realização alveolar como regra, pois é a forma prescrita pelos manuais em nosso país. Os resultados obtidos, contudo, revelaram o que Hora (1999) já havia dito anteriormente: “a palatalização parece delinear-se claramente como uma regra que aos poucos tende a generalizar-se” (p. 36). Assim, apesar de não estar preconizada nos livros didáticos, a palatalização de /S/ não é vista como desvio e nem como forma estigmatizada. Ao contrário, é cada vez mais incorporada à fala das pessoas e, em algumas regiões, passa a refletir a variante de prestígio, como detectou Brandão (1998) na região metropolitana do Rio de Janeiro.

A análise quantitativa dos dados de nosso estudo, realizada pelo programa GOLDVARB 3.0, permitiu-nos chegar às seguintes conclusões:

- 1 A realização palato-alveolar de /S/ está presente na fala da comunidade lingüística macapaense, superando a produção da forma alveolar;
- 2 Por não exercer a mínima influência para o processo, a *Função Morfológica da fricativa* foi descartada na primeira rodada dos dados;
- 3 Na segunda rodada dos dados, das nove variáveis controladas, apenas quatro foram selecionadas como relevantes para o processo em análise, de acordo com a seguinte ordem: *Posição da fricativa na palavra*, *Contexto fonológico seguinte*, *Faixa etária* e *Contexto fonológico precedente*.
- 4 Apesar de não ter sido selecionada pelo programa como relevante ao processo, nossa hipótese em relação à variável *Sexo* foi confirmada: as mulheres realmente lideram o caráter inovador da linguagem e fazem uso de realizações palato-alveolares em maior número que os homens.

- 5 Em relação à variável *Faixa Etária*, confirmamos nossa hipótese de que jovens utilizam mais a forma inovadora, isto é, a palato-alveolar.
- 6 O favorecimento da produção palato-alveolar por parte dos jovens se contrasta com a inibição da mesma por parte dos mais velhos, revelando, pois, que o fenômeno da palatalização de /S/ constitui uma mudança em progresso nesta região;
- 7 A influência da escola em nada está contribuindo para o processo. Independentemente dos anos que os falantes passam em ambiente escolar, a tendência à palatalização predomina. A produção alveolar, apesar de única variante prevista nos manuais, perde espaço entre todos, sejam os mais escolarizados, ou os menos;
- 8 A posição da fricativa na palavra influencia na realização de uma ou outra variante. Assim, embora não tenha sido selecionada como relevante, foi possível confirmar nossa hipótese de que, quando o /S/ encontra-se em codas mediais ou finais absolutas, há um forte favorecimento das produções palato-alveolares, inibindo, portanto, a realização alveolar de /S/. Por outro lado, quando em codas finais, seguidas por vogais ou consoantes, há uma forte inibição da palatalização, gerando as formas alveolares;
- 9 Em relação ao *Contexto Fonológico Precedente*, nossa hipótese foi apenas parcialmente confirmada, pois, como previmos, as vogais labiais mostraram-se favorecedoras à realização palato-alveolar. As coronais, porém, refutaram a hipótese, porque, apesar de ocuparem uma posição quase que neutra, tendem mais a inibidoras do processo de palatalização;
- 10 O único elemento que posposto à fricativa inibe a sua palatalização são as vogais, as quais favorecem a realização alveolar de /S/, no processo da ressilabificação, corroborando a hipótese de que as vogais inibiriam a palatalização da fricativa em questão;
- 11 A análise do caráter de vozeamento do contexto fonológico seguinte não apresentou significância para a pesquisa, pois verificamos que a produção de formas palato-alveolares ocorre independentemente de haver um fonema vozeado ou desvozeado, ou mesmo não haver fonema algum após a fricativa.

Diante dessas conclusões, percebemos que, embora a palatalização de /S/ sofra influência social relativa à idade dos falantes, em Macapá, ela ainda é um fenômeno de interferência lingüística, induzido muito mais pelo ambiente fonológico que circunda a fricativa, do que pelas características da comunidade lingüística que a realiza.

Acreditando que nosso estudo teve um caráter inovador em relação à pesquisa do falar de Macapá-AP, consideramos ter atingido nosso objetivo de traçar o perfil lingüístico desta comunidade quanto à palatalização de /S/ em coda, um fenômeno tão recorrente nessa região. Estamos cientes, também, que apenas abrimos caminho para uma análise mais detalhada e profunda dos aspectos por nós aqui considerados e que, por isso, as questões remanescentes devam ser objeto de investigações futuras.

Esperamos ter contribuído de alguma forma para explicar o comportamento lingüístico dos falantes macapaenses em relação ao /S/. E, para que o perfil lingüístico dessa comunidade seja traçado de maneira mais completa, esperamos que a pesquisa sociolingüística na região Norte continue a crescer.

## REFERÊNCIAS

---

AGHEYISI, R.; FISHMAN, J. A. **Language attitude studies**: a brief survey of methodological approaches. *Anthropological Linguistics* 12:137-57

BHAT, D. N. S. A general study of palatalization. In: GREENBERG, J. S. (Ed.). **Universals of human language** (Phonology, v. 2). Stanford: Stanford University Press, 1978. p.47-92.

BESERRA, A. C. S.. A importância das variáveis sociais na formação do perfil linguístico do falante pessoense. In: \_\_\_\_\_. (org.) **Estudos Sociolingüísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa: UFPB, 2004.

BISOL, Leda & BRESCANCINI, Cláudia Regina (orgs.). **Fonologia e Variação**: recortes do Português Brasileiro. Porto Alegre, EDIPURCRS, 2002.

BRANDÃO, S. F.. Sobre a palatalização num dialeto brasileiro. In: XXII Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes, 1998, Bélgica. XXII Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes, 1998. p. 85-85.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis** – uma abordagem não linear. Florianópolis: Dissertação (Mestrado em Lingüística). 1996.

\_\_\_\_\_. **A fricativa palato-alveolar e sua complexidade**: uma regra variável. Porto Alegre, 2002. 362 p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

\_\_\_\_\_. A representação lexical das fricativas palato-alveolares: uma proposta. **Revista Letras**, Curitiba, n. 61, especial, 2003. p. 299-310

CAGLIARI, L. C. **A palatalização em português**: uma investigação palatográfica. Campinas, 1974. 173 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Departamento de Lingüística do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CALLOU, D.; MARQUES, M. H. D. O -s implosivo na linguagem do Rio de Janeiro. *Littera*, n.14, p. 9-137, 1975.

\_\_\_\_\_.; MORAES, J. A. de. A norma de pronúncia do S e R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: CARDOSO, S. A. M. (Org.). **Diversidade lingüística e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 133-147.

\_\_\_\_\_. Variação e Distribuição da Variante na Fala Urbana Culta do Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Dilma Melo de. **O linguajar carioca: fatores histórico-sociais e demográficos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1982.

CANOVAS, M. I. F.. Variação fônica de /S/ pós-vocálico e /v, z, / cabeças de sílabas na fala de Salvador. In: CARDOSO, S. A. M.. **Diversidade lingüística e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996.

CASTRO, I. Uma língua de “charneira”. In: CAMÕES, Instituto. **Encarte**, nº 89. Suplemento do **JL**, nº 909, Ano XXV. Disponível em <<http://www.instituto-camoes.pt/encarte/encarte89j.htm>>. Acesso em: 10/08/2006.

CLEMENTS, G. N.. **Place of Articulation in Consonants and Vowels: a unified theory**. Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory, no. 5, Set./ 1991. Pp. 77-123.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. Internal Organization of Speech Sounds”. In: GOLDSMITH, J. (ed.) **The Handbook of Phonological Theory**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1995.

CHAMBERS, J.K. **Sociolinguistic Theory**. Oxford: Blackwell, 1995.

CHAMBER. J. K & TRUDGILL, Peter. **The Handbook of Language Variation and Change**. Blackwell Publishing: Georgetown University, 2001.

CHESHIRE, Jenny. **Sex and gender in variationist research**. Disponível em: <<http://webpace.qmul.ac.uk/jlcheshire/sex%20and%20gender.pdf>>. Acesso em: 06/09/2008.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of Syntax**. Cambridge, Mass: Mit Press, 1965.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper and Row, 1968.

CORRÊA, C. da C.. **Focalização dialetal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do /s/ pós-vocálico**. UnB. Dissertação de Mestrado, 1998. In: HORA, D. da. **Fonética e Fonologia: a gramaticalização dos processos fonéticos**. Relatório final de Pós-Doutorado. Amsterdam: Vrije Universiteit, 2000

FURLAN, O. A. *Subsistência luso-açoriana na linguagem catarinense*. 1982. 420 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GORDON, Elizabeth. **Sex, Speech and Stereotypes**: why women use prestige speech forms more than men. *Language in Society*, U.S.A., 1997, v.26, n.1, p.47-63.

GRYNER, H.; MACEDO, A. A pronúncia do s pós-vocálico na região de Cordeiro-RJ. In: MOLLICA, C.; MARTELOTA, M. (Org.). **Análises lingüísticas**: a contribuição de Alzira Macedo. Rio de Janeiro, UFRJ, 2000. p. 26-51

GUY, Gregory R. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese**: aspects of the phonology, syntax and language history. (PhD Dissertation) Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981, v.1 e 2, mimeo.

HALLE, M.. Phonological features. In: BRIGHT, W. (ed.) **Oxford International Encyclopedia of Linguistics**. New York: OUP, 1991. pp.207-212.

HALLIDAY, M. A. K.; MCINTOSH, A.; STREVENS, P.. **The Linguistic sciences and language teaching**. London : Longmans, Green and C, 1965.

HORA, Dermeval da. Teoria da Variação: uma retrospectiva. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Diversidade Lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997. pp. 159-74.

\_\_\_\_\_. Processo de palatalização das fricativas na Língua Portuguesa. **Revista do GELNE**, Fortaleza, n. n.2, p. 34-36, 1999.

\_\_\_\_\_. **Fonética e Fonologia**: a gramaticalização dos processos fonéticos. Relatório final de Pós-Doutorado. Amsterdam: Vrije Universiteit, 2000.

\_\_\_\_\_. (org.) **Estudos Sociolingüísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa: UFPB, 2004.

\_\_\_\_\_; COLLISCHONN, Gisela. (Orgs.) **Teoria Linguística**: Fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

\_\_\_\_\_; SANTIAGO, S. M. (orgs.). **Vozes do Amapá**. João Pessoa: Idéia, 2006.

HUDSON, R.. **Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

JAKOBSON, R. & HALLE, M. **Fundamentals of Language**. Mouton: The Hague, 1956.

JAKOBSON, R.; FANT, C. G. M. & HALLE, M. **Preliminaries to speech analysis**: The distinctive features and their correlates. Technical Report 13. Massachusetts: Acoustics Laboratory, MIT, 1952.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. Contraction, deletion and inherent variability of the English copula. **Language**, v.45, p. 715-762, 1969.

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Cambridge: Blackwell Publishers. 1994.

\_\_\_\_\_. **The social stratification of English in New York City**. Washington D. C. Center of Applied Linguistics, 1996.

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change: Social Factors**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

LYONS, J. Introdução à lingüística teórica. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1979. p.118-119

MACEDO, Sandra Siqueira de. **A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense**. Recife, 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco.

MARQUES, S. M. O. Restrições sociais que norteiam a produção variável do fonema /V/ em João Pessoa. In: HORA, D. da. (org.) **Estudos Sociolingüísticos**. Santa Maria: Pallotti, 2004. pp. 99-110.

MATEUS, Maria Helena Mira. Ainda a Subespecificação na Fonologia do Português. **XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: 1997. Disponível em: <[www.iltec.pt/pdf/wpapers/1998-mhmateus-subespecificacao.pdf](http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/1998-mhmateus-subespecificacao.pdf)>. Acesso em: 06/09/2008.

MOLLICA, M. C. M.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolingüística: o Tratamento da Variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOTA, J. O <s> em coda silábica na norma culta de Salvador. Rio de Janeiro: UFRJ. Faculdade de Letras. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. 2002.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à lingüística**. (vol.1). São Paulo: Cortez, 2001.

NARO, Anthony Julius. Modelos matemáticos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.) **Introdução à sociolinguística variacionista**. Cadernos Didáticos: FL/UFRJ, 1992. pp.17-25.

OLIVEIRA e SILVA, G. M.. Coleta de Dados. In: MOLLICA, M. C. (Org.). **Introdução à sociolinguística variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. p. 101-114.

PESSOA, M. A. O s pós-vocálico na fala de Natal. *Atas do I Simpósio Diversidade Lingüística no Brasil*. Salvador: UnBA, 1986

PINTZUK, S. **Programas Varbrul**. Tradução de Ivone Isidoro Pinto. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. mimeo.

RAND, D. & SANKOFF D. **GoldVarb**: a variable rule application for Macintosh. 1990

RIBEIRO, G. **Apontamentos sobre a história da evolução da língua**. 2006. Disponível em: <[http://esjmlima.prof2000.pt/hist\\_evol\\_lingua/R\\_GRU-A.HTM](http://esjmlima.prof2000.pt/hist_evol_lingua/R_GRU-A.HTM)>. Acesso em 12/06/2008.

ROACH, Peter. **English Phonetics and Phonology**. 2.ed. Cambridge: CUP, 1991.

ROMAINE, Suzanne. What is a speech community? In: **Sociolinguistic Variation in Speech Communities**. Londres: Edward Arnold, 1982.

\_\_\_\_\_. Variation in language and gender. In: HOLMES, J. e MEYERHOFF, M.. **The handbook of Language and Gender**. Blacwell: Oxford, 2003.

SANKOFF, D. Variables rules. In : AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. J. (Ed.). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society**. Berlim/New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998

\_\_\_\_\_.; TAGLIAMONTE S.; SMITH D.. **Goldvarb X**: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto: 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHERRE, M. M. P.; MACEDO, A. V. T. Variação e mudança: o caso da pronúncia do s pós-vocálico. In: MOLLICA, M. C.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Análises lingüísticas: a contribuição de Alzira Macedo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 52-64.

SCHWARCZ, L. M.. Espetáculo da miscigenação. In: **Estudos avançados**, São Paulo, vol 8, n. 20, abr. 1994.

SELKIRK, E. O. **The syntax of words**. Cambridge: The MIT Press, 1982.

SILVA, R. S. da. **Estudo do /S/ pós-vocálico na região de Corumbá-MS**. Assis, 1996. 87 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual de São Paulo.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**. São Paulo: Contexto, 2001.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1995.

TRUDGILL, Peter. Sex, Covert Prestige and Linguistic Change in the Urban British English of Norwich. In: **Language in Society** 1, 1972. p.179–196.

WARDHAUGH, Ronald. **Na Introduction to Sociolinguistics**. 3. ed. Oxford: Blackwell, 1998.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In LEHMANN, W. P., MALKIEL, Y. (orgs.). **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

## APÊNDICE

Especificação dos códigos utilizados

| <b>Variável dependente</b>             |              |
|--|--------------|
| <b>Fator</b>                           | <b>Valor</b> |
| Alveolares [s,z]                       | 1            |
| Palato-alveolares [ʃ,ʒ]                | 2            |
| Glotal [h]                             | 3            |
| Zero fonético [Ø]                      | 0            |
| <b>Variáveis independentes</b>         |              |
| <b>Sexo</b>                            |              |
| Masculino                              | m            |
| Feminino                               | f            |
| <b>Faixa Etária</b>                    |              |
| Grupo 1 (de 15 a 25 anos de idade)     | j            |
| Grupo 2 (mais de 49 anos de idade)     | i            |
| <b>Anos de Escolarização</b>           |              |
| Grupo 1 (até 4 anos)                   | 1            |
| Grupo 2 (acima de 9 anos)              | 2            |
| <b>Posição da Fricativa na palavra</b> |              |
| Coda medial                            | d            |
| Coda final absoluta                    | l            |
| Coda com consoante seguinte            | c            |
| Coda com vogal seguinte                | a            |

| <b>Contexto Precedente</b>           |   |
|--------------------------------------|---|
| Vogais coronais                      | 1 |
| Vogais labiais                       | 2 |
| Vogal dorsal                         | 3 |
| <b>Status do Contexto Precedente</b> |   |
| /e/ → [i]                            | 1 |
| Epêntese de [i]                      | 2 |
| /o/ → [u]                            | 3 |
| [o] → [w]                            | 4 |
| Monotongação                         | 5 |
| Ditongação                           | 6 |
| Ditongo oral terminado em [j]        | 7 |
| Ditongo nasal terminado em [j]       | 8 |
| Ditongo nasal terminado em [w]       | 9 |
| Não derivado                         | d |
| Elisão                               | e |
| Degeminação                          | g |
| Ditongação de sândi externo          | T |
| Não se aplica nenhum fenômeno        | O |
| <b>Contexto Seguinte</b>             |   |
| Vogais coronais                      | 1 |
| Vogais labiais                       | 2 |
| Vogal dorsal                         | 3 |
| Consoantes coronais                  | 4 |
| Consoantes labiais                   | 5 |

|  |   |
|--|---|
| Consoantes dorsais                                       | 6 |
| Pausa  | # |
| <b>Traço [voz] do Contexto Seguinte</b>                  |   |
| [+ voz]  | v |
| [- voz]  | d |
| Pausa  | # |
| <b>Posição da Fricativa em relação à Sílabas Tônicas</b> |   |
| Pré-pretônica  | p |
| Pretônica  | e |
| Tônica   | t |
| Postônica  | o |
| Pós-postônica  | u |
| Palavra sem acento                                       | a |
| <b>Função Morfológica da Fricativa</b>                   |   |
| Radical  | r |
| Sufixo   | s |
| Prefixo  | f |